

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO EM JORNALISMO

CAROLINE BERBICK

**PROFISSÃO REPÓRTER E A CONSTRUÇÃO DA INFÂNCIA**

A idealização, a marginalização e o senso comum

Porto Alegre

2012

CAROLINE BERBICK

**PROFISSÃO REPÓRTER E A CONSTRUÇÃO DA INFÂNCIA**

A idealização, o marginalização e o senso comum

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Sean Aquere Hagen

Porto Alegre

2012

CAROLINE BERBICK

**PROFISSÃO REPÓRTER E A CONSTRUÇÃO DA INFÂNCIA**

A idealização, o marginalização e o senso comum

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Sean Aquere Hagen

Aprovado pela banca examinadora em 12 de dezembro de 2012.

BANCA EXAMINADORA:

---

Orientador: Prof. Dr. Sean Aquere Hagen – UFRGS

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ilza Maria Tourinho Girardi – UFRGS

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marcia Benetti Machado – UFRGS

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar os sentidos produzidos pelo programa jornalístico semanal da Rede Globo, *Profissão Repórter*, acerca da temática da infância. A pesquisa aborda as singularidades do telejornalismo desde a produção da notícia até a interação com o público e é balizada pelo Paradigma Construtivista exposto por Nelson Traquina, que assume o jornalismo como um instrumento ativo na construção social da realidade. Foram analisadas nove edições com temas relacionados à infância, veiculadas entre 2008 e 2012. A metodologia utilizada é a Análise de Discurso, que estuda a linguagem como um objeto simbólico e procura compreender os mecanismos de produção e de assimilação de significados. Neste estudo foram identificados os conceitos de Infância Idealizada – frágil, vivida sob a tutela dos pais e sob a proteção da lei – e de Infância Marginalizada – carente, imatura diante das provações impostas. Também foi verificado que a construção dessas realidades é feita a partir de referenciais culturais, sociais e morais que reforçam e legitimam conceitos do senso comum sobre as desigualdades sociais.

**Palavras-chave:** telejornalismo, construção da realidade, infância, discurso, Profissão Repórter.

## ABSTRACT

This paper aims to analyze the senses produced by the Rede Globo's weekly news program, *Profissão Repórter*, about the childhood. The research is supported by the Constructivist Paradigm presented by Nelson Traquina, which assumes journalism as an active tool for the social construction of reality, approaching the singularities of the television journalism since the news production until the interaction with the audience. Nine editions with the childhood theme, broadcasted between 2008 and 2012, have been analyzed. The methodology employed is the Discourse Analysis, which studies the language as a symbolic object and comprehends the significance production and assimilation mechanism. In this paper it have been identified the following concepts: Idealized Childhood – fragile, lived under parents and law guardianship – and Marginalized Childhood – needy, immature before the trials imposed. It also has been verified that these realities constructions are made from cultural, social and moral references that reinforce and legitimize common sense's concepts about the social inequality.

**Keywords:** television journalism, reality construction, childhood, discourse, *Profissão Repórter*.

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>                           | <b>6</b>  |
| <b>2 JORNALISMO E SOCIEDADE.....</b>                | <b>8</b>  |
| <b>2.1 Paradigma Construtivista.....</b>            | <b>8</b>  |
| 2.1.1 Teorias Estruturalista e Interacionista ..... | 12        |
| <b>2.2 Jornalismo e cidadania.....</b>              | <b>14</b> |
| <b>3 TELEJORNALISMO .....</b>                       | <b>19</b> |
| <b>3.1 Televisão .....</b>                          | <b>20</b> |
| <b>3.2 Construção da notícia.....</b>               | <b>21</b> |
| <b>3.3 Discurso .....</b>                           | <b>23</b> |
| <b>3.4 Imagem x Texto .....</b>                     | <b>25</b> |
| <b>3.5 Fragilidades.....</b>                        | <b>27</b> |
| <b>4 METODOLOGIA E CORPUS .....</b>                 | <b>30</b> |
| <b>4.1 Análise de discurso .....</b>                | <b>31</b> |
| <b>4.2 Corpus .....</b>                             | <b>33</b> |
| <b>4.3 Programa Profissão Repórter .....</b>        | <b>34</b> |
| 4.3.1 Formato.....                                  | 35        |
| <b>5 CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS.....</b>                | <b>41</b> |
| <b>5.1 Infância idealizada.....</b>                 | <b>41</b> |
| <b>5.2 Infância marginalizada .....</b>             | <b>47</b> |
| <b>5.3 Manutenção do senso comum.....</b>           | <b>55</b> |
| <b>6 CONCLUSÃO.....</b>                             | <b>62</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>                            | <b>65</b> |
| <b>ANEXO.....</b>                                   | <b>68</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

O jornalismo é uma categoria social de relação intrínseca com o desenvolvimento da cidadania, uma vez que assume o papel de mediador entre as diversas esferas do espaço público. Ao realizar a seleção e propor os assuntos considerados relevantes para serem discutidos entre a sociedade, o jornalista se constitui em um importante agente de construção do ambiente político e social e, portanto, da realidade. A informação jornalística, produzida de acordo com regras organizacionais e padrões culturais, é veiculada em meios massivos de comunicação e promove o reconhecimento entre os diferentes setores da sociedade.

Ao considerar a televisão como o principal instrumento de acesso a informações no Brasil, o telejornalismo passa a desempenhar uma importante função de representação do mundo e de desenvolvimento de valores político-culturais. As singularidades técnicas desta forma de comunicação, provenientes dos recursos audiovisuais, são capazes de promover interação poderosa junto aos telespectadores. Desta forma, o telejornalismo viabiliza um território simbólico cultural onde diversas significações são produzidas, consolidadas ou quebradas.

Inserido nesse contexto, o programa jornalístico semanal da Rede Globo, *Profissão Repórter*, se propõe a abordar demandas sociais significativas por meio de um formato diferenciado, no qual o próprio fazer jornalístico é discutido enquanto passagens dos bastidores da construção da notícia são incorporados ao produto final. O programa foi selecionado para a análise desta monografia por tratar-se de um produto jornalístico televisivo de grande alcance e que tem por objetivo retratar realidades nos seus mais diversos ângulos.

O *corpus* desta pesquisa constitui-se em nove programas veiculados entre 2009, ano em que o *Profissão Repórter* estreou com esse formato, até 2012, ano desta pesquisa. As edições possuem por temática problemas sociais relacionados à infância. São elas: *Crianças vítimas do crack*, *Trabalho infantil*, *Abuso sexual de crianças*, *Gravidez na adolescência*, *Jovens e drogas*, *Bebês abandonados*, *Adoção*, *Crianças em perigo* e *Escola de periferia*.

A temática da infância ganhou destaque nesta análise porque a concepção da criança e do adolescente como sujeitos possuidores de direitos e obrigações é uma discussão recente que envolve uma teia complexa de produção de significados reproduzidos pelas mais diversas instâncias da sociedade, entre as quais os esquemas narrativos, as imagens e os conceitos que circulam no jornalismo. As formas de entender e de tratar a infância, desde uma perspectiva tradicional assistencialista e tutelar até uma posição mais moderna da criança-cidadã capaz de

desenvolver o exercício da liberdade e da autonomia, são concebidas por meio de negociações discursivas de caráter fundamental para a assimilação desses conceitos.

Baseada nessas considerações, esta monografia tem como objetivo geral verificar que sentidos o *Profissão Repórter* produz acerca da temática da infância a partir das realidades retratadas pelo programa. Como objetivos específicos, a pesquisa se propõe a 1) identificar os conceitos de infância construídos pelo programa, 2) analisar quais os elementos utilizados pelo programa para a formação desses conceitos.

Para atingir esses objetivos foi utilizada como metodologia a análise de discurso, que concebe a linguagem como um instrumento simbólico que deve ser problematizado de modo a promover a reflexão acerca das enunciações produzidas pelos sujeitos falantes, assim como analisar os mecanismos que atuam na interpretação desse conteúdo. A análise de discurso não admite a neutralidade na linguagem e procura compreender de que forma os objetos simbólicos produzem sentidos.

O desenvolvimento desta pesquisa se dá em seis partes. Seguindo desta introdução, o segundo capítulo aponta a relação do jornalismo com o exercício da cidadania e discute a contribuição dessa atividade para a construção social da realidade, embasado no paradigma construtivista da teoria do jornalismo. No terceiro capítulo, são destacadas as singularidades do telejornalismo e o poder deste gênero na aproximação junto ao público e na produção de significações. No quarto capítulo é apresentada a metodologia da análise de discurso, o corpus da pesquisa, e é feita uma descrição do programa *Profissão Repórter*, assim como uma análise do seu formato. No quinto capítulo, é desenvolvida a análise por meio da indicação de conceitos de infância produzidos pelo programa e a sua contribuição para a construção de sentidos que circulam pelo espaço público. A sexta parte do trabalho relaciona as considerações finais, seguida das referências e do anexo com endereços dos programas.

## **2 JORNALISMO E SOCIEDADE**

As sociedades contemporâneas têm na informação jornalística um forte instrumento de conhecimento e contextualização dos fenômenos sociais. Utilizando as notícias como referência para julgamento do que é relevante, o público constrói o ambiente político e social num agir coletivo, onde parâmetros hegemônicos estabelecem o que é aceitável e o que foge à normalidade. O jornalista, a partir deste ponto de vista, não é mero relator de fatos verídicos, mas um agente social que contribui fortemente, por meio da comunicação, para a construção da realidade.

Obedecendo a demandas organizacionais e a técnicas de otimização de produção, o jornalista, com o auxílio de sua própria bagagem cultural e dos padrões sociais, narra acontecimentos e esclarece problemáticas de forma que elas se tornem inteligíveis e passíveis de discussão no espaço público. O jornalismo atua como mediador ao passo que aproxima diferentes grupos sociais num trabalho de diversificação e reconhecimento. Desta forma, a partir de um acesso o mais igualitário possível à informação, os diversos setores da sociedade tornam-se potenciais desenvolvedores da cidadania e da democracia, num esforço conjunto de alcance dos mais diversos direitos civis.

### **2.1 Paradigma Construtivista**

Surgido nos anos 70, o paradigma construtivista de estudo do jornalismo representou um novo ponto de vista acerca desta atividade profissional. De acordo com Traquina (2001), essa vertente teve como primeiro incentivo a teoria organizacional de Warren Breed (1955), considerada a primeira manifestação de análise do jornalismo que levou em conta os constrangimentos organizacionais na produção das notícias. A partir desta iniciativa, na década de 60 houve uma explosão de interesse por parte da comunidade acadêmica sobre os processos jornalísticos. Os veículos midiáticos passaram a ter sua importância social reconhecida como fonte de informação, de modo que, principalmente nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, foram surgindo novas interrogações sobre o tema.

Num contexto de evolução do jornalismo televisivo e de crise social e econômica, ficou evidente a necessidade de uma forma diferente de pensar e orientar a atividade jornalística – levando em conta fatores como ideologia, linguagem, relação do jornalismo com a sociedade, implicações políticas e sociais e a notícia como um elemento ativo na construção

social da realidade. Pela vertente construtivista, a relação entre o jornalismo e a sociedade recebe dimensão central, com a admissão de que

[...] as notícias são o resultado de processos complexos de interação social entre agentes sociais: os jornalistas e as fontes de informação; os jornalistas e a sociedade; os membros da *comunidade profissional*, dentro e fora de sua organização (TRAQUINA, 2004, p. 173, grifo do autor).

Ao ocupar papel cada vez mais importante nas sociedades mediatizadas, o jornalismo é analisado com mais atenção, não somente por acadêmicos, mas também por diversos agentes sociais e pelos próprios cidadãos. Valores como verdade, equilíbrio e objetividade passaram a ser interrogados com mais frequência nas análises do jornalismo. Desta forma, no paradigma construtivista, o jornalismo é analisado sob o prisma de atividade profissional. Fatores como os inconvenientes organizacionais, o papel social da notícia e o poder creditado na imprensa como parte do sistema democrático são bastante valorizados. O paradigma amplia o estudo que concentrava-se no nível do indivíduo para o nível da organização e da comunidade profissional inseridas num contexto social.

Com o auxílio de novas ferramentas metodológicas e uma abordagem mais etnográfica, os estudos do jornalismo sob a perspectiva construtivista tiveram possibilidade de observar as ideologias e as práticas profissionais de forma teoricamente mais informada, chegando, portanto, a conclusões mais complexas do que teorias anteriores. Assim, esse paradigma é completamente oposto à ideia das notícias como mero reflexo dos fatos, já que seria impossível estabelecer uma distinção radical entre a realidade e os meios de comunicação que deveriam apenas refletir o ocorrido. Sob esse aspecto, a vertente construtivista é contrária à teoria do espelho, já que admite a notícia como construção da realidade e não como reflexo desta, considerando que não existe linguagem neutra e que a própria linguagem transmite significado, além de incluir as influências dos procedimentos organizacionais no resultado do relato. Já em contraponto às teorias instrumentalistas, o construtivismo responde que não existe intenção consciente de distorção na elaboração das notícias, e que os enquadramentos escolhidos e significados construídos são na verdade resultado da diversidade de sensibilidade dos jornalistas e de implicações organizacionais, como a falta de tempo, limites orçamentários e outros fatores que serão melhor trabalhados neste capítulo.

De acordo com Traquina (2001), o jornalista, percebido como um “contador de estórias”, transmite as notícias por meio de narrativas que não se limitam a relatar um fato,

mas a construir uma realidade. Desta forma, o quadro social e político não possui um formato predeterminado refletido fielmente pelas notícias porque os jornalistas não são observadores passivos, mas participantes ativos na construção da realidade. Sob esse ponto de vista, considerar as notícias como “estórias” não significa rebaixá-las a um panorama fictício, mas interpretado.

Ao trabalhar com fatos – teoricamente inéditos, exóticos e singulares – a produção jornalística assume a possibilidade concreta e cotidiana de ‘interpretar’ a realidade social, seguindo rotinas editoriais, condições técnicas e procedimentos de seleção, hierarquização e publicação de determinados olhares que integram e agem na vida social (GADINI, 2007, p. 84).

A notícia é vista como uma narrativa expressiva de estórias reais marcadas pela cultura da sociedade onde estão inseridas, sendo necessárias habilidades e técnicas de narração por parte do profissional. Os principais aspectos que influenciam a narração da notícia, de acordo com o paradigma, são os critérios de noticiabilidade, as características tecnológicas de cada meio noticioso, a logística da produção jornalística, retraimentos orçamentais, inibições legais, a disponibilidade da informação das fontes, necessidade de contar os fatos de modo inteligível e interessante, o público, os princípios comerciais, e as formas de aparência dos acontecimentos sociais e políticos (TRAQUINA, 2004).

Nesta lógica, o jornalista que testemunha um acontecimento capta determinado significado a partir da experiência pessoal e profissional. O profissional irá relatar o ocorrido, tão verazmente quanto possível, por meio dos veículos de comunicação, para que o público perceba o que aconteceu. Ao afirmar que esse público tem interesse em versões diferentes desse acontecimento, admite-se que qualquer fato pode ser construído de diversas maneiras que, por sua vez, transmitem diversos significados – de modo que conceitos de distorção e de parcialidade propositais são considerados inadequados pela proposta construtivista. O que ocorre é a escolha de um enquadramento orientado pela aparência que a realidade assume para o jornalista e pelas convenções que moldam a sua percepção e que fornecem repertório formal para a apresentação dos fatos.

Ao oscilar na tensão estrutura-acontecimento, o jornalismo transporta uma concepção do mundo; uma compreensão dos fenômenos e relações pautadas pela mídia. É nessas tensões que são negociados, instituídos e sobrepostos os sentidos, valores, intenções e interesses que perpassam as dimensões do universo imaginário (GADINI, 2007, p. 80).

Traquina (2001, p. 112) explica como as pressuposições tradicionais do jornalismo atuam na escolha do enquadramento que será dado para determinado fato: as notícias envolvem acontecimentos e não as condições que produzem os acontecimentos; as notícias privilegiam as pessoas e não o grupo; as notícias destacam o conflito e não o consenso; e as notícias privilegiam o fato que alimenta a estória e não o fato que a explica. Desta forma, há a possibilidade das notícias atuarem aliadas às instituições legitimadas e serem apresentadas como interessantes por causa da sua excentricidade, ou natureza bizarra, obscurecendo qualquer significado social importante. Tal aspecto seria prejudicial aos grupos que atuam fora do consenso, já que estes, ao receberem espaço na mídia, ao invés de serem apresentados de modo integrado, acabam por ter a imagem marginalizada.

A escolha da fonte também é levada em conta na rotina dos jornalistas e na significação da notícia. Nesse aspecto, o paradigma construtivista se preocupa não somente com a importância da identidade das fontes de informação, mas reflete sobre as consequências sociais que resultam dos procedimentos utilizados pelos jornalistas:

Um jornalista competente sabe que as fontes são, geralmente, pessoas interessadas. Para avaliar a fiabilidade da informação, os jornalistas utilizam diversos critérios na avaliação das fontes, nomeadamente 1) a autoridade; 2) a produtividade 3) a credibilidade (TRAQUINA, 2001, p. 105).

Nessa hipótese, a autoridade é o fator de respeitabilidade e refere-se a fontes oficiais ou que ocupam posições institucionais de autoridade. Já a produtividade diz respeito à qualidade e quantidade de materiais que uma fonte é capaz de oferecer. E, por fim, a credibilidade afirma que a fonte tem que ser segura para que haja o mínimo possível de controle da informação captada.

Outro elemento crucial no processo de produção das notícias seria a rotina e a falta de tempo de produção, acompanhadas da imprevisibilidade dos acontecimentos. “O conhecimento de formas rotineiras de processar diferentes tipos de ‘estórias’ noticiosas permite aos repórteres trabalharem com maior eficácia” (TRAQUINA, 2001, p. 107). Deste modo, a construção da notícia e, por consequência, a construção da realidade a partir da prática jornalística, obedece a procedimentos de rotina e a técnicas profissionais, como habilidade de escrita e a necessidade de selecionar, excluir ou acentuar diferentes aspectos do acontecimento.

Inserido nesse sistema, o discurso jornalístico trata-se de mais um dos inúmeros produtos que circulam no espaço em que se situa a noção de construção social da realidade –

daí a importância de compreender a dimensão cultural das notícias. As “estórias” são construídas por pessoas que operam, inconscientemente, num sistema cultural, onde existe um depósito de significados culturais armazenados, além de padrões de discurso. As notícias como uma forma de cultura incorporam suposições acerca do que importa, do que faz sentido, em que tempo e em que lugar vivemos e o que devemos tomar em consideração (TRAQUINA, 2004). Nesta perspectiva, a realidade está em contínua construção num campo marcado por diversas formas de expressão e de materialidades.

Sob essa ótica, os fatos são noticiáveis porque apresentam imprevisibilidade, mas tais acontecimentos não se limitam ao aleatório; eles são inseridos num contexto social: no horizonte do significativo. De acordo com Hall (1999), este processo consiste em reportar acontecimentos inesperados para o “mapa dos significados” que já constituem a base do mundo cultural. A identificação social, classificação e contextualização dos acontecimentos noticiosos em termos destes quadros de referência formam o processo fundamental por meio do qual os meios de comunicação tornam inteligível ao público o mundo a que fazem referência. Os valores-notícia acabam por desempenhar papel central na reprodução da ideologia dominante e atuam como mapas culturais do mundo social. “Os próprios conceitos de noticiabilidade requerem aos jornalistas pressuposições sobre o que é normal na sociedade” (TRAQUINA, 2001, p. 112).

Tal concepção implica em compreender que a realidade é sempre resultante de ações sociais, históricas e culturais que formam padrões de comportamentos socialmente definidos, e que ganham visibilidade por meio de dispositivos técnicos, entre eles, a comunicação. “A informação jornalística institui, no processo de produção de sentido, um conhecimento que vai agregar, questionar ou negar a relação e comportamento que o usuário mantém no espaço coletivo das complexas sociedades contemporâneas” (GADINI, 2007, p. 80).

### **2.1.1 Teorias Estruturalista e Interacionista**

O paradigma construtivista deu origem a duas teorias do jornalismo que compartilham das diretrizes da vertente, porém discordam em pontos cruciais: são as teorias estruturalista e interacionista. Ambas consideram que a notícia, a medida que informa um acontecimento, também o constrói, participando, assim, da instituição da realidade social, num processo de percepção, produção e transformação de um fato no produto da notícia.

De acordo com Traquina (2004), a teoria estruturalista considera o produto jornalístico como uma reprodução da ideologia dominante, mesmo que os jornalistas possuam uma

autonomia relativa “Deste modo: os *media* tendem, fiel e imparcialmente, a reproduzir simbolicamente a estrutura de poder existente na ordem institucional da sociedade” (HALL, 1999, p. 229, grifo do autor). Nesta teoria, são características chave, seguindo o raciocínio construtivista, a organização burocrática das empresas de comunicação que culmina numa rotina própria para a produção regular de notícias num regime voltado para o cumprimento da demanda da imprevisibilidade. Também é levado em conta a estrutura de valores-notícia e a ideologia profissional dos jornalistas para o que rende uma boa “estória”.

Na vertente estruturalista, o processo de produção da notícia reforça a construção da sociedade consensual por meio da repetição de valores comuns para a formação de uma base de conhecimento de hegemonia ideológica, neste caso, em favor dos dominantes. Porém, de acordo com a teoria, essa reprodução das ideias dos poderosos não se dá de forma conspiratória, mas em função das pressões das práticas de trabalho que forçam uma produção sistematicamente estruturada para ser eficiente. Dessa forma, recorrer a fontes institucionalizadas é mais seguro e costuma render mais resultados produtivos.

As fontes oficiais são encaradas, portanto, como um bloco unido e uniforme. Os chamados “definidores primários” teriam controle completo do processo, numa relação unidirecional com os jornalistas que, neste caso, não têm poder de desafiar essas figuras institucionalizadas. Para a teoria estruturalista não há processo de negociação entre produtores de notícias e suas fontes, por isso ela recebe algumas críticas em função do seu determinismo considerado, muitas vezes, exagerado. Uma das contraposições ao determinismo da teoria estruturalista vem de Hall (1999), quando o autor afirma que há certa independência dos jornalistas no que diz respeito à seletividade. De acordo com seus próprios critérios, os jornalistas selecionam o que vai ser divulgado a partir do relato dessas fontes primárias – portanto essas figuras institucionais não têm domínio completo sobre o conteúdo que será publicado.

Já a teoria interacionista, também conhecida como etno-construcionista, encara o processo de produção das notícias como uma negociação constante entre diversos agentes sociais. Ainda segundo Traquina (2004), a escassez de tempo para a produção de notícias dentro dos prazos estabelecidos é considerada um desafio diário, considerando que as notícias podem surgir de qualquer parte, a qualquer momento. Frente a essas exigências, de acordo com a teoria interacionista se faz necessário o estabelecimento de uma rede noticiosa – que se trata de um estratégia de cobertura nas localidades onde as empresas jornalísticas julgam que seja mais provável de ocorrerem fatos dignos de tornarem-se notícias. Porém, seguindo esse procedimento de cobertura territorial, algumas regiões ficam deficientes de cobertura e outras

produzem notícias – muitas vezes irrelevantes – de forma demasiada porque possuem grande número de equipes.

Como já foi citado, outro fator de influência na construção da notícia, na vertente interacionista, é o elemento “tempo”. Assim como na lógica da localidade, as rotinas dos jornalistas são organizadas de acordo com a suposição de que acontecimentos relevantes acontecem durante determinados horários tradicionais. Neste período concentra-se a maior parte da mão de obra jornalística, numa tentativa de antecipar e agilizar o trabalho. Os acontecimentos, facilmente definidos no espaço e no tempo, recebem maior cobertura quando comparados a problemáticas sociais. Na lógica interacionista, as negociações para a construção das notícias se dá entre os promotores de notícias, juntamente aos profissionais que transformam o fato em notícia e, por último, em união com os consumidores da notícia.

## **2.2 Jornalismo e cidadania**

Sob a perspectiva de que o jornalista desempenha papel não somente de observador e relator de fatos, mas de membro ativo na construção social da realidade, o jornalismo supera o caráter de produção de mercadoria e passa a agir como uma categoria social ao criar uma relação intrínseca com o desenvolvimento da cidadania. A produção jornalística concebida numa perspectiva de informação para a cidadania delega à imprensa uma função de instituição da sociedade civil cujas implicações, efeitos e consequências incidem diretamente sobre o interesse público. Com elevado grau de visibilidade, as notícias divulgadas pelos meios de comunicação são indispensáveis para a construção das sociedades modernas: “É uma questão de ética e responsabilidade social. [...] Os deveres de cidadania são de todos os envolvidos com a produção, edição e transmissão de mensagens midiáticas” (PERUZZO, 2002, p. 9).

Defensor desse ponto de vista, Gentili (2005) afirma que o jornalismo alcança dimensão de mediador do espaço social a partir de suas especificidades como modelo de percepção da realidade social, política e democrática. A informação encontra no formato jornalístico o enquadramento metodológico capaz de redimensionar o seu papel na sociedade para que ela se torne um elemento constitutivo do corpo social. Deste modo, o jornalismo adquire capacidade de ler a realidade a partir de fatos que emergem do cotidiano, de modo a retirá-los do patamar do senso comum para transportá-los ao plano da análise e transformá-los em matéria-prima para a história e a vida social. “Assim, as potencialidades do jornalismo podem se realizar num ambiente de democracia, pluralismo e mercado” (GENTILLI, 2005, p. 142).

Para compreender melhor esta potencialidade do jornalismo, é preciso conceituar o termo “cidadania”. Discutido nos diversos níveis sociais e nos diferentes regimes políticos, o título de cidadão carrega as noções de direitos e deveres. “As pessoas tendem a pensar a cidadania apenas em termos dos direitos a receber, negligenciando o fato de que elas próprias podem ser o agente da existência desses direitos” (MANZINI-COVRE, 2007, p. 10). Na parte dos direitos, amplamente englobados pela Declaração de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (1948), a proposta da cidadania admite que todos os homens são iguais perante a lei, sem a discriminação de raça, credo ou cor. A todos cabe o domínio sobre o seu corpo e a sua vida, acesso a salário digno, direito à educação, saúde, habitação e lazer e à livre expressão. Sobre a parte dos deveres, é estabelecido que o cidadão é o próprio fomentador da existência do direito de todos, tem responsabilidades em conjunto pela coletividade, cumpre normas e propostas decididas coletivamente, faz parte do governo direta ou indiretamente, ao votar, pressionar e participar.

Tais propostas representam um desafio, já que aquele que detém o poder usualmente age de modo a prevalecer o seu interesse individual. Para isso existe a Constituição que deve ser bem aplicada para conquistar medidas igualitárias para o exercício da cidadania. Outro fator importante é a prática da reivindicação, utilizando a informação e a cidadania como uma estratégia para a construção de uma sociedade melhor. Portanto, a própria cidadania é um direito que precisa ser construído coletivamente, não só para o atendimento de necessidades básicas, mas também para a existência plena do homem cumprindo o papel que lhe cabe no contexto social.

Daí a importância de um jornalismo produzido para fomentar a cidadania, que compartilhe informações que estabelecem vínculos entre o público, proporcionando, assim, a possibilidade de um agir coletivo.

[...] a mídia também passou a ser um espaço crucial na configuração do espaço público e da própria cidadania – dizemos crucial para assinalar que não se trata de um fenômeno novo, mas sim intenso e substantivo – pelo peso que têm hoje tanto para influir na definição das agendas públicas como para estabelecer a legitimidade deste ou daquele debate (LÉON, 2004, p. 405).

Este jornalismo ativo na construção da realidade enxerga o público não somente como consumidor, mas também como ator social envolvido no espaço público – que pode ser construído com o auxílio do jornalismo de modo a tornar-se mais vibrante, numa nova perspectiva que transcenda a superfície e contribua para a reflexão e, até mesmo, a resolução de algumas demandas sociais.

Para que se estabeleça essa relação entre sociedade e imprensa, é necessário que temas sociais sejam retratados pela mídia de modo a aproximar o meio de comunicação com a comunidade, promovendo valores como reconhecimento, confiança e valorização da imprensa. Quando um veículo demonstra o empenho em debater um problema social, ele agrega credibilidade ao assumir a própria responsabilidade social. Além disso, uma sociedade com jornais pluralistas se mostra em movimento para a ampliação da cidadania e exige qualidade dessas instituições responsáveis por fornecer a informação, algo vital para o exercício pleno dos direitos: “A garantia do exercício de liberdade de opinião e de expressão é uma questão de direito humano e uma questão de direito e dever da cidadania” (PERUZZO, 2002, p. 8).

O acesso à informação ocupa tamanha importância para o exercício dos demais direitos, que este recurso é previsto pelo Artigo XIX da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948): “Toda pessoa tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e idéias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras”. Desta forma, tendo o jornalismo como mediador, a informação representa condição vital para que se dê a construção de um espaço democrático: “Trata-se, é verdade, de um direito secundário, no sentido de que é um direito necessário para a realização de outros direitos, um direito ‘meio’, não um direito ‘fim’” (GENTILLI, 2005, p. 126). Desta forma, o jornalismo representa uma atividade indispensável no mundo contemporâneo, uma vez que age como instrumento de acesso à informação, no qual os jornalistas desempenham função de mediadores e de representantes do público, como indivíduos, consumidores e cidadãos.

Tal enquadramento prevê a informação como um instrumento de inclusão, na medida em que age de forma eficiente na articulação entre os diferentes sujeitos inseridos na sociedade de massa:

Em resumo, trata-se de reconhecer que o jornalismo é algo intrinsecamente ligado à sociedade de massa. Emerge com ela e, como indústria cultural, a conforma. É inextinguível. [...] É para informar a sociedade, para retraduzir a realidade, para apresentar o mundo ao homem e situá-lo o quanto possível, para lhe oferecer alternativas, que o jornalismo surge e se desenvolve (GENTILLI, 2005, p. 24).

Neste trabalho, o conceito de sociedade de massa é o mesmo utilizado por Gentilli (2005) – caracterizado pela emergência de uma massa de sujeitos que migraram de uma zona de sombra para tornarem-se ativos, num princípio não de plena incorporação de todos os homens, mas pelo menos da potencialidade de participação de todos, num esforço de

incentivo para que os cidadãos sejam excedores e desfrutadores de suas capacidades. “Possivelmente, este é o negócio do Jornalismo, o papel da informação jornalística numa sociedade em que as pessoas possam emergir da massa para agir como cidadãos” (MARTINS, 2005, p. 11).

É importante ressaltar que à medida em que cresce a escala da organização social e política, é criada uma cultura igualitária forjada pela maioria, que termina por destruir as possibilidades de manifestação de minorias ou mesmo de indivíduos diferenciados. A massa é o homem genérico, sem diferenciação. A igualdade também pode isolar e enfraquecer o homem, que tem na imprensa a possibilidade de se fazer ouvir por um grande número de pessoas. Por isso a importância da responsabilidade social do jornalismo ser posta em prática, de modo a apresentar e esclarecer os objetivos e valores de diferentes grupos inseridos na sociedade, contribuindo para a construção de um ambiente mais pluralista e tolerante. “Tolerância é fundamental no convívio social [...]. A tolerância e a aceitação das diferenças são princípios de uma democracia” (DORNELLES; BIZ, 2006, p. 15). Sob esse ponto de vista, o conhecimento - e a compreensão advinda dele - gera tolerância, aceitação e reconhecimento de diferenças. Esse conhecimento trabalha no sentido da inclusão social ao incentivar que um indivíduo admita o outro em sua esfera. Apesar de destacar as diferenças, esse procedimento desenvolve uma capacidade de identificação e conseqüente espírito de comunidade, já que onde o pluralismo social é forte, a liberdade e a democracia tendem a serem fortalecidos.

Um ambiente democrático se mostra essencial para que o jornalismo tenha possibilidade de agir como ferramenta para a construção de uma sociedade na qual a cidadania é exercida com plenitude. Numa teoria democrática, todos os homens são politicamente autônomos e conscientes. Com a evolução das concepções de direitos individuais, o ser humano é cada vez mais reconhecido como um potencial cidadão, como um ser com possibilidades de emancipar-se plenamente, de viver com liberdade, com dignidade sem opressão, sem tutela, sem alienação, sem exploração. De usufruir dos seus direitos sem qualquer tipo de constrangimento externo. Porém, mesmo com estes conceitos consolidados, é fundamental entender que uma sociedade democrática pode democratizar-se ainda mais – também com a ajuda do jornalismo:

A democracia representativa contemporânea tem no jornalismo e na imprensa um de seus elementos constituidores decisivos. A estrutura de comunicações e o estágio de desenvolvimento alcançado pelos jornais são um fator indispensável para o processo de ampliação e alargamento da democracia (GENTILLI, 2005, p. 142).

Desta forma, o jornalismo, a partir da informação, permite uma reconstrução de realidade que oferece um conjunto de alternativas para o exercício da cidadania. O jornalismo se torna fundamental para que o homem moderno se localize no mundo e se organize com conhecimento diante das circunstâncias e oportunidades que o cercam. O jornalismo acaba por inserir o interlocutor no cotidiano concreto, na realidade efetiva. A informação mediada conquista quase a mesma representatividade que a própria vivência de uma situação.

### 3 TELEJORNALISMO

Ao compartilhar de dois instrumentos poderosos para a construção social da realidade como o jornalismo e a televisão, o telejornalismo, por meio de seu próprio ritmo, temporalidade, lógica de produção e de mediação, oferece uma representação do mundo através de um enquadramento que envolve recortes técnicos e políticos. Numa espécie de ritual diário para os telespectadores, este tornou-se um importante espaço de desenvolvimento de valores político-culturais a ponto de servir à sociedade como instrumento de valorização da cidadania. Porém, é ingenuidade afirmar que o telejornalismo existe somente com este objetivo e que ele cumpre satisfatoriamente a essa demanda. É preciso lembrar que, incluído na grade de programação da televisão, principal veículo de acesso a informações no Brasil, o jornalismo de televisão obedece à lógica comercial das grandes corporações e tem sua produção altamente influenciada por questões mercadológicas. Trata-se de um instrumento de relação social estruturado por técnicas específicas e pelas lógicas econômicas e profissionais.

As notícias produzidas pelo telejornalismo contribuem para entender o cotidiano cada vez mais complexo e, muitas vezes, de difícil acesso, bem como auxiliam na percepção e na construção de temas da agenda pública. A informação jornalística funciona como uma ferramenta de socialização cotidiana, uma vez que através dos noticiários a sociedade tem a possibilidade de conhecer uma série de fatos que passariam despercebidos. Ao apresentar as notícias diariamente de forma sistematizada e hierarquizada, o telejornalismo torna-se um fenômeno social partilhado que define e reconstitui a realidade social. Ao assistirem a um telejornal, as pessoas também procuram sentidos para a realidade que as cerca e atribuem significados apreendidos a partir dessa experiência no seu dia-a-dia (PEREIRA JUNIOR, 2005).

Objetivamente, a função do telejornal é narrar, dar conta dos principais fatos sociais de diferentes países em todo o mundo; mas simultaneamente ordena, ou melhor reordena a experiência social do cidadão nas cidades e em diferentes comunidades. É construído na tênue fronteira entre a narrativa e o acontecimento através de seus dispositivos audiovisuais; se constitui no espetáculo da atualidade (BECKER, 2006, p. 70).

Desta forma, o telejornalismo consolidou-se e passou a garantir um território simbólico cultural acessível à maioria da população por tratar-se de um único espaço onde pode-se experimentar o sentimento comum de nacionalidade, mesmo sob uma vasta rede de mediações e de intencionalidades. Nessa abordagem, o espectador do noticiário não é visto como um consumidor passivo, incapaz de compreender as interações e até mesmo os jogos

que negociam a produção e a recepção da informação telejornalística, mas sim como possuidor de senso crítico. Conceitos de manipulação e recepção passiva são combatidos com o argumento de que é impossível prever com exatidão de que modo o espectador irá absorver determinada mensagem repleta de significações que podem ser apreendidas de diversas maneiras. “*O controle das imagens não assegura o controle das mentes*” (WOLTON, 2007, p. 73, grifo do autor).

### 3.1 Televisão

A televisão é um dos espaços de realização da vida pública onde a população busca a informação que será repercutida e debatida. Com acesso gratuito e cômodo dos canais abertos, além de captar e transmitir negociações e mudanças da sociedade, esse veículo funciona como um unificador, num papel de referenciar a realidade cotidiana, desvelar conflitos e viabilizar mudanças através de sua mediação. A televisão serve, então

para unir indivíduos e públicos que de um outro ponto de vista tudo separa e lhes oferecer a possibilidade de participar de uma atividade coletiva. É esta aliança bem particular entre o indivíduo e a comunidade que faz desta tecnologia uma atividade constitutiva da sociedade contemporânea (WOLTON, 2007, p. 71).

Porém, é preciso considerar que a televisão tem poder tanto para efetuar inclusões quanto exclusões sociais, num mecanismo de agregação de valores sustentado pela lógica do capital. Deste modo, a televisão não deixa de assumir um papel de conservação das relações de poder e de controle social, interferindo no agendamento político e cultural da sociedade. De toda forma, a afirmação de que os discursos midiáticos são manipulações hegemônicas não esgota a compreensão de seus efeitos pela sociedade contemporânea.

Nesse contexto, os discursos televisivos mantêm valores estratégicos. Ao mesmo tempo em que seguem a ideologia hegemônica, não deixam de incorporar e dar visibilidade às diferentes características da cultura popular, de modo a legitimar vozes sociais diferenciadas. Ao passo em que obedece à lógica do que é atraente e acaba por espetacularizar questões importantes para a compreensão da sociedade, a televisão reúne grupos sociais diversos, reafirmando vínculos e despertando sentimentos de comunhão, indispensáveis para o fortalecimento da cidadania.

No Brasil, a tevê aberta e o telejornal passaram a ser os principais mediadores da realidade, promovendo desconexões e recomposições em relação à realidade

nacional, são entidades supranacionais. Têm uma função conservadora no país pela própria história do meio e por causa da tendência de homogeneizar as diferentes experiências culturais e nacionais, mas ao mesmo tempo, servem como instrumentos de revelação de conflitos e de transformação social (BECKER, 2006, p. 88).

De acordo com Duarte e Curvello (2009, p. 62), o processo comunicativo televisual comporta diferentes níveis de sujeitos emissores: há uma instância enunciativa institucional, cujo profissional é responsável institucionalmente pelas informações veiculadas; há uma instância de realização, representada pelos sujeitos que fazem parte da equipe de produção/realização do programa; há uma instância discursiva, que compreende os atores discursivos, figuras de discurso que operam, no texto televisual, como apresentadores e repórteres; e há ainda uma instância de representação simbólica do universo inscrito, pertencente aos sujeitos do mundo evocado, os telespectadores, que validam os conteúdos propostos e os valores assumidos por um programa, respondendo ou não à proposta.

### **3.2 Construção da notícia**

O processo de construção da notícia no telejornalismo é bastante complexo e envolve a mediação de rotinas de trabalho, critérios de noticiabilidade, cultura profissional, operações e construções jornalísticas que, ao atuarem sobre os acontecimentos, fragmentam-nos num trabalho de reconstrução. De acordo com Pereira Junior (2006), a fragmentação dos conteúdos constituintes da realidade dá-se por meio de dois processos: primeiro se descontextualiza os fatos do seu quadro social, político, histórico e econômico, na medida em que, de maneira isolada, os jornalistas os importam para a rotina da redação diante de alguma acontecimento imediato; e num segundo momento, já na edição, dá-se a recontextualização dos fatos num quadro diferente, dentro do formato estabelecido pelo programa jornalístico. Dessa forma, as notícias veiculadas na televisão, por meio de uma visão peculiar de estrutura e de organização do real, auxiliam para a compreensão do mundo social.

[...] é preciso compreender que os noticiários televisivos apresentam a cada edição não uma janela que permita visualizar o mundo, mas constroem por meio de textos, sons e imagens o mundo por meio de sua janela particular, o que envolve desde as características intrínsecas ao meio, até diretrizes relativas à política editorial da emissora responsável pela produção/veiculação do telejornal (COUTINHO, 2009, p. 106).

Fatores como as tecnologias de captação, edição e transmissão, os profissionais, representados por produtores, repórteres, cinegrafistas, editores e apresentadores, e ainda uma

série de rotinas produtivas, integram o processo de construção da notícia televisiva, que se caracteriza numa vasta negociação entre esses diversos agentes. Para um telejornal ser transmitido com qualidade, é preciso ter bom entrosamento entre a equipe. Até mesmo a aparelhagem necessária para o desenvolvimento do telejornal contribui para um certo tumulto desta produção jornalística. Esses condicionantes operacionais se impõem de tal forma que, em alguns casos, há uma certa supremacia do esquema de trabalho sobre o cuidado editorial, o que muitas vezes torna o jornalista de televisão, numa visão pessimista, como um mero cumpridor de tarefas.

O telejornalismo, como um produto televisual, compreende a articulação de diferentes níveis de linguagem, como a harmonização de cores, formas e sons, jogo de câmeras, edição, registros de fala, figurinos e cenários. Os telejornais operam com dois tipos de espaços: os internos, que são os espaços de estúdio, e os externos, que são próprios das ações do mundo, dos acontecimentos, conectados pelos dispositivos tecnológicos. Nessa esquemática, há uma tradição de cuidado com a escolha e com a manutenção do comportamento de quem aparece no vídeo. Os apresentadores, que muitas vezes atuam em dupla para um maior dinamismo, ficam posicionados em uma bancada que muitas vezes tem por fundo um globo terrestre ou telões, que carregam o significado de que a informação apresentada ali é ampla, sem fronteiras. A posição dos apresentadores transpassa superioridade e esclarece quem detém a informação e, conseqüentemente, o poder naquele contexto. As usuais redações como “cenário vivo”, com jornalistas trabalhando em tempo real dão a impressão de que a notícia é produzida de forma instantânea para ser apresentada o mais breve possível aos espectadores. O grande número de pessoas trabalhando e os artefatos tecnológicos também auxiliam na conceituação da própria imagem da emissora, que parece não estar medindo esforços para apresentar notícias de qualidade e de forma rápida (DUARTE; CURVELLO, 2009).

Em sua atuação diante das câmeras, os apresentadores dão vida ao texto por meio de gestos, expressões faciais, velocidade de leitura, pausas, e ênfase em determinadas palavras, oferecendo significados complementares à informação. Além disso, um apresentador que aparenta dar uma notícia sem consultar o *script* ou o *teleprompter* demonstra autoridade e segurança, pois passa espontaneidade. Diante dessas impressões, o telespectador cria uma simpatia que leva ao consentimento e à cumplicidade, numa conversa íntima, que quase rompe a barreira da privacidade junto ao espectador.

Essa aproximação garante credibilidade ao telejornal: independente da posição política e até mesmo do conhecimento do público, a existência do fato relatado não costuma ser posta em dúvida. As pessoas aceitam a representação mostrada na notícia como algo dado. O

recurso da imagem encadeada ao texto narrado por uma voz reconhecida pelos telespectadores produz sentimento de familiaridade e de confiança: forma-se um laço social feito à distância capaz de estimular as relações de projeção identitária até mesmo entre grupos possuidores de diferenças geográficas, políticas, culturais, entre outras. Por meio dessa potencialidade do telejornalismo, o público trabalha para construir significados sociais a partir da representação diária dos telejornais que chegam a milhões de residências como uma representação de confiança do que se encontra distante, ou do que é desconhecido. Por isso a importância de uma reflexão mais profunda dos processos do telejornalismo ao levar em conta o peso relativo desse gênero e de sua identidade de produto responsável pela informação cotidiana de significativa parcela da população brasileira.

Com a transmissão direta de imagens e sons, a TV realiza a sua obra jornalística máxima. Permite ao telespectador testemunhar um fato como se estivesse presente no local. [...] Pelo processo 'aqui e agora' na divulgação e recepção de uma cobertura jornalística, a televisão propicia uma participação instantânea e sem intermediários, que, por si só, constitui-se num elemento de inestimável poder de mobilização (REZENDE, 2000, p. 73).

Ao promover uma percepção mais sensorial e afetiva da realidade, o discurso televisivo abriga uma íntima relação entre o destinatário e o emissor. Cria-se um clima de familiaridade que faz com que a televisão ultrapasse os efeitos de mero espetáculo e passe a assumir uma atmosfera de confiança característica de grupos primários, como amigos e família. Esse diálogo exige do comunicador um alto grau de empatia.

### **3.3 Discurso**

O estilo da linguagem jornalística é o da palavra direta, quase coloquial, que encaminha para a comunicação rápida, do entendimento imediato. Quando se fala em televisão, ainda é preciso considerar que a mensagem deve possuir grau de eficiência ainda maior, já que se destina a diversos tipos de público. Portanto, o texto telejornalístico deve aproximar-se da linguagem cotidiana, sem deixar de ser fiel à norma culta. Mas nem por isso o discurso jornalístico deve ser confinado ao ato de apenas informar:

A mensagem informativa deve aliar o compromisso prioritário com a inteligibilidade, com o objetivo de proporcionar, à audiência que recebe, além da assimilação, a possibilidade de uma reelaboração crítica dos conteúdos transmitidos (REZENDE, 2000, p. 64).

O discurso do telejornal constrói-se tomando como referência o mundo exterior à mídia, numa meta-realidade baseada na credibilidade. Assim, o que funda os telejornais e lhes confere legitimidade é o relato objetivo do real, do mundo exterior. A boa notícia deve ficar o mais próximo possível do acontecimento, mantendo em relação a ele valores como fidelidade e objetividade. Sempre considerando que a partir de um mesmo acontecimento podem ser gerados diferentes relatos, sem por isso deixarem de serem verdadeiros, mas respeitando diferentes seleções e construções:

Aos jornalistas de televisão cabe a consciência da responsabilidade de estar cumprindo um papel epistemológico e explicativo sobre os fenômenos do mundo, sobretudo porque o grande alcance da mídia audiovisual pode significar, a quem recebe, a única versão desses acontecimentos (PICCININ, 2006, p. 140).

O tom de seriedade da maior parte dos telejornais se conjuga com outras características que reforçam os efeitos de credibilidade e de inteligibilidade junto aos espectadores, como a formalidade, distanciamento, profundidade e regularidade. A objetividade também se configura como um elemento de extrema importância não só junto ao público mas também nos processos organizacionais. Cada notícia a ser transmitida afeta a produtividade diária de um jornalista de televisão, que está em luta constante contra o tempo. Dessa forma, a objetividade é sempre perseguida como uma estratégia que inclui procedimentos de rotina que protegem os profissionais de possíveis erros e críticas, já que o valor de auto-referência entre a classe jornalística dentro de uma redação é bastante forte (TUCHMANN, 1999). Por outro lado, tal engessamento inibe uma criação mais ousada e criativa no telejornalismo.

O perfil de audiência, muitas vezes concebido de forma estereotipada e pouco precisa, também influencia a construção do discurso do telejornalismo. Os jornalistas, nas suas práticas diárias, antecipam a audiência nos seus textos, de forma bastante intuitiva. Ao se colocarem no lugar daqueles que receberão as matérias, eles constroem esse público a partir da própria cultura profissional, da organização do trabalho, dos processos produtivos, das regras de redação, e da língua, para produzirem discursos de enunciação. Nesses discursos, de acordo com Pereira Junior (2006), está maciçamente presente uma preocupação didática dotada de elementos de composição, estilísticos e formais que se comprometem em apresentar, de uma forma acessível, as notícias produzidas para que o público entenda a mensagem e tenha suas expectativas cumpridas.

De forma a aproximar esse público imaginado, muitas vezes se recorre a um texto coloquial, que pode ser facilmente compreendido, considerando que o espectador de telejornal tem a oportunidade de assistir à matéria uma vez só e por isso precisa ter facilitada a captação instantânea da informação. É preciso lembrar que o discurso televisivo é marcado pela sucessão de fragmentos encadeados que não comporta estruturas demasiadamente complexas. Por isso é buscada uma certa familiaridade comunicacional, de forma que as palavras e as estruturas das frases devem estar o mais próximo possível de uma conversa. Palavras simples e fortes, apropriadas ao significado e à circunstância da matéria são aliadas dos jornalistas nesse processo. Essa abordagem permite que o telejornalismo torne-se atrativo até para aquela camada da audiência que assiste ao telejornal porque está à espera de outra programação que vai começar em seguida:

O profissional de comunicação deve, então, preocupar-se em elaborar mensagens que sintetizem valores de uma linguagem dita ‘culta’ e o tom coloquial do falar cotidiano, mas sem ignorar as características da audiência a que se destina (REZENDE, 2000, p. 61).

A estrutura narrativa no telejornalismo é substancialmente descritiva e marcada por advérbios temporais que destacam a iminência das informações. Outra característica textual é o uso de frases curtas, na ordem direta, com voz ativa dos verbos e emprego do tempo presente. O texto telejornalístico é feito para ser falado, portanto carrega as características de uma conversa oral, com maior informalidade, porém sem deixar de lado a construção do texto escrito, com racionalidade e coerência.

Porém, de acordo com Rezende (2000), é preciso tomar cuidado para não confundir clareza com pobreza de vocabulário. De acordo com o autor, em detrimento desta lógica da informalidade, é comum haver uma restrição linguística no telejornalismo, o que muitas vezes torna o ato de assistir àquela programação como algo tedioso. Essa falta de cuidado com o repertório verbal poderia vir da popular concepção de que “televisão é imagem”, porém esse destaque da expressão visual e conseqüente desvalorização da palavra pode ser nociva para o resultado final.

### **3.4 Imagem x Texto**

Ao considerar que a realidade é experimentada através de ideias que possibilitam ver, conhecer e interpretar acontecimentos, consolidada no esforço de organizar sensações e

percepções para a construção de sistemas simbólicos, pode-se afirmar que o processo de construção da realidade é feito também através da transmissão de intenções, significados e desejos capazes de mudar a forma social, principalmente através da interpretação de mensagens.

De acordo com Mota (2006, p. 132), na narrativa do telejornalismo, a análise precisa levar em conta que o plano de expressão é constituído de duas formas de representação: a imagética e a verbal. Tratam-se de expressões que envolvem signos diferentes: o icônico no material filmado e o simbólico, que é a palavra. Rezende (2000) ainda adiciona uma terceira categoria à essa classificação: o código sonoro. De acordo com o autor, essa categoria é relativa à música, que denota a si mesma, e aos efeitos sonoros, que denotam a uma realidade.

A partir desta abordagem, na estrutura visual, as imagens seguem uma sintaxe própria que tem a função de contextualizar as ações narradas. Pode-se dizer que no telejornalismo o código visual é de natureza convencional: numa reportagem televisiva, um editor de imagem poucas vezes tem liberdade artística de criar uma frase visual distinta do texto, por uma questão de natureza do veículo e, em particular, do jornalismo. Além disso, um código visual de uso frequente simplifica a sua decodificação pelos telespectadores, por isso a edição tão repetitiva que recorrer quase sempre a recursos comuns.

O texto, por sua vez, age como um ordenador dos vários conteúdos contidos em um acontecimento e por isso constrói o sentido dominante. A palavra tem por função identificar os constituintes da cena e tem um papel denominativo, numa operação de ancoragem dos sentidos do objeto filmado. Desta forma, o texto dirige o espectador entre os significados da imagem e seleciona os signos que quer destacar.

Por outro lado, a imagem possui uma riqueza de significados que permite diversas leituras e enriquece o resultado por meio de códigos culturais, com cenas que mostram elementos que contextualizam o fato. Cada um desses elementos traz consigo características que permitem identificações e juízos de valor – lembrando que o telespectador pode levar em conta alguns significados e ignorar a outros. Portanto, a imagem permite um processo de maior retenção de significados por parte do público, uma vez que provoca uma sensação de encantamento e de emoção que desperta uma compulsividade capaz de manter o espectador diante da televisão. Por possuir poder de comprovar um acontecimento, a imagem concebe ao telejornalismo o valioso *status* de verossimilhança e credibilidade.

O ideal é o casamento dessas duas formas de representação, de modo que texto e imagem se complementem em algumas situações, com informações diferentes, e em outras, se repitam com o objetivo de tornar mais assimilável a mensagem que se quer passar – sempre

lembrando que o telespectador tem oportunidade única de apreender o que está sendo transmitido pelo telejornal. Portanto, o texto de televisão adequa-se à imagem: tudo em vista de não perturbar a capacidade de pensar do telespectador para que não haja conflito entre as duas linguagens.

Ao casar som, verbo e imagens que podem adquirir as mais diferentes feições, a televisão, e o telejornalismo, criam ritmos, cortes e junções características desse meio. Palavra, imagem e até mesmo o som, portanto, não devem competir: esses elementos precisam se complementar, sem redundâncias desnecessárias. Já que sem a presença paralela de todos esses elementos, a transmissão dos significados oscila e se torna vazia de sentido, sem orientação para a interpretação do público.

### **3.5 Fragilidades**

A questão do tempo e do seu controle emerge como requisito básico para a produção do jornalismo televisivo. Trata-se de uma corrida contra os prazos, que dura desde a produção, captação e edição do material até a exibição. Nesse processo são utilizadas uma série de operações bastante intuitivas para a seleção e edição do que é noticiável e de qual a melhor forma de transmitir aquela informação para que ela seja atrativa e inteligível ao público. Todos os processos da montagem do programa demonstram significados influenciados por valores notícias que são acionados de forma quase automática pelo jornalista que trabalha na televisão.

Para agilizar esse processo, o jornalista de televisão desenvolve uma habilidade que evidencia a sua competência na capacidade de decidir rápida e precisamente se uma notícia apresenta ou não uma boa história. Essas decisões são tomadas levando em conta uma ideia desenvolvida dentro da redação, baseada na obviedade e na evidência. Na urgência dos processos televisivos, esses critérios pouco precisos não são passíveis de relativização, passando a serem tomados como absolutos. Por outras palavras, esses jornalistas estão convencidos de que detêm um conhecimento preciso do que interessa ao público, assim como o melhor formato a ser adotado para transmitir determinada mensagem:

Na contrapartida, quanto mais julgam que sabem, mais parece que, na busca de adequação às demandas das rotinas produtivas, da cultura profissional e da linguagem do veículo, produzem o mesmo, condicionam suas visões de mundo (PICCININ, 2006, p. 143).

Não só o tempo da rotina de produção, mas também o tempo de duração do telejornal, dos seus blocos e de cada uma das matérias, imprimem uma determinada velocidade no processo de narração dessas representações do mundo, com reflexos também na apreensão dos telespectadores. Na tradição telejornalística brasileira, essa narrativa é bastante acelerada em função das próprias características da televisão, marcando o telejornal como uma fragmentação de pequenos pacotes de informação (COUTINHO, 2009). Disputando o tempo com a publicidade e com programas de entretenimento, o jornalismo de televisão muitas vezes precisa diminuir o número de matérias e utilizar um texto simples, num difícil exercício de síntese. Portanto, não é possível produzir um texto dissertativo: essa síntese exagerada desperta críticas quanto à superficialidade da cobertura.

A partir de uma audiência presumida (PEREIRA JUNIOR, 2006) que ajuda a nortear os conceitos de valores-notícia, o telejornal é editado conforme o acontecimento mais importante do dia, por meio de um espelho que quase sempre começa com o assunto de destaque e termina com uma matéria mais leve, geralmente não factual, sobre comportamento ou esportes. Incluído nessa rotina sistemática, muitas vezes o formato do telejornalismo torna-se repetitivo, onde fenômenos diversos e aleatórios são tratados de uma mesma maneira padrão, independente de suas singularidades.

Dirigido ao grande público, o telejornalismo é alvo de críticas com relação à profundidade de seus relatos e também no que diz respeito ao tipo de tratamento das temáticas convertidas em notícias, muitas vezes próximas do espetáculo. Esse formato da televisão baseado no espetacular representa uma fórmula eficiente de chamar a atenção do público. Porém, o espetáculo, que privilegia as imagens atraentes em detrimento do conteúdo importante, destina-se basicamente à contemplação, o que produz efeito contrário àquela idealização de que o telejornalismo tem potencialidade de suscitar um exercício de reflexão por parte do receptor. Em resposta a essas críticas da televisão como promotora do espetáculo, Wolton (2007) afirma que esse formato se faz necessário para manter a audiência e, ao chamar o público através da distração, leva-os, também, a programas de qualidade, aliando o show a conteúdos de educação e cultura. De acordo com o autor, a banalidade da televisão torna suportável a gigantesca abertura de mundo que esse veículo proporciona.

A televisão, como meio de comunicação de massa, traz em si uma certa confusão entre o que é ficção e realidade, jornalismo e entretenimento, interesse público e futilidades, mas, ainda assim, é considerada como um agente político e cultural importante; a principal fonte de diversão e de conhecimento dos acontecimentos sociais para a maioria da população. “A televisão é o principal espelho da sociedade: é essencial, para a coesão social, que os

componentes sociais e culturais da sociedade possam se ver e referenciar na principal mídia” (WOLTON, 2007, p. 69). Na grade de programação, os programas jornalísticos são os produtos de informação que provocam maior impacto, “vendendo” credibilidade e atraindo investimentos. Ao oferecerem conceitos, ideias e representações da cultura num espaço simbólico, ocupam posição estratégica na programação e no contexto do discurso midiático contemporâneo. Uma das principais preocupações dos programas jornalísticos é de transmitir informações com uma linguagem que garanta veracidade ao conteúdo do discurso, como a própria credibilidade do enunciador. Utilizando-se do mito da imparcialidade, os noticiários promovem jogos de sentidos que resultam numa pretensa objetividade, onde personagens e fatos são reais. Deste modo, o telejornalismo assume caráter persuasivo, porque convence uma audiência significativa por meio de associações de texto e imagem, gráficos e mapas, depoimentos testemunhais, que visam à precisão, num efeito de verossimilhança (BECKER, 2006).

Seria somente a partir da queda de audiência, de patrocinadores ou de credibilidade dos noticiários das grandes redes de televisão que haveria a perspectiva de reflexão dos próprios profissionais envolvidos no fazer jornalístico sobre a questão do público e da essência de valor social do jornalismo. Por outro lado, ao invés de servir para questionar o que vem sendo feito, o balanço de níveis de audiência também é utilizado para justificar o nível de programação que é oferecido. Essas demandas de consumo acabam por tensionar o conteúdo dos programas telejornalísticos de acordo com os resultados obtidos, muitas vezes indicando um rebaixamento do conhecimento que é tornado mercadoria. “Se esconder atrás de bons índices de maus programas prova algo que se sabe desde sempre: é mais fácil nivelar os cidadãos e os telespectadores por baixo do que por cima” (WOLTON, 2007, p. 72). O lugar comum de que “a televisão mostra o que o povo gosta”, neste caso, reflete a cultura industrializada onde o público é visto apenas como consumidor. Ao justificar a conduta por meio dos índices de audiência, a empresa de comunicação se livra da responsabilidade acerca do que é oferecido e acaba por exercer uma repetição estética e reforço de estereótipos que resultam num empobrecimento que visa a legitimar o vínculo ideológico baseado no reconhecimento e na carga emotiva (BUCCI, 2000).

De acordo com Rezende (2000), a onipotência do tempo decorre da necessidade de adequar a produção televisiva ao cronograma de anúncios publicitários, cuja unidade é o segundo. Desta forma, além de acelerar o processo produtivo, a priorização da publicidade acaba por afetar também o conteúdo do telejornal, que, é importante lembrar, está inserido numa grade de programação predominantemente diversional e generalista, dotada da

ideologia do entreter para conquistar maiores níveis de audiência e faturamento. Em uma abordagem positiva, esse caráter generalista permite um contato direto com os múltiplos componentes da sociedade.

## 4 METODOLOGIA E CORPUS

### 4.1 Análise de discurso

A análise de discurso problematiza as maneiras pelas quais as diferentes manifestações de linguagem são enunciadas por seus sujeitos falantes, assim como coloca em questão a forma como esse conteúdo é interpretado pelo leitor – aquele que recebe a mensagem. De acordo com Orlandi (2005), esse método de pesquisa assume a linguagem como um instrumento simbólico, repleto de possíveis equívocos, uma vez que não há neutralidade nem mesmo no uso aparentemente banal dos signos. A análise de discurso, portanto, permite a reflexão capaz de proporcionar uma relação menos ingênua com a linguagem e tem por objetivo compreender de que forma os objetos simbólicos produzem sentido, além de analisar os próprios mecanismos e limites da interpretação, aqui vista como um domínio do simbólico capaz de intervir no sentido.

O discurso é a prática de movimentar a linguagem por meio da articulação da palavra, promovendo uma relação da própria linguagem com elementos exteriores a ela. Dessa forma, o discurso e a relação entre os seus interlocutores têm potencial tanto para legitimar, quanto para transformar os conceitos comuns e a realidade. A análise de discurso auxilia na compreensão do sentido produzido no discurso e sua relevância se justifica na concepção da linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social, sobretudo ao considerar a língua como objeto constitutivo do homem e da sua história (ORLANDI, 2005).

Para a análise de discurso, a linguagem não é somente um código capaz de transmitir informação através de um canal estabelecido entre emissor e receptor, mas um complexo processo de constituição de sujeitos e de produção de sentidos. Na comunicação, a interação não é ordenada, mas simultânea, de modo que a significação é elaborada pelos diferentes interlocutores assim que eles são afetados por esses movimentos de argumentação, construção de realidade e identificação de sujeito. “As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores” (ORLANDI, 2005, p. 21).

Na produção do discurso, um dos elementos fundamentais é a memória enquanto interdiscurso, representando aquilo que é dito em outro momento, em outro lugar, por outras vozes, e que determina o sentido do discurso atual de forma muitas vezes inconsciente. “O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual

os sentidos se constituem nele” (ORLANDI, 2005, p. 32). Esse sentido já-dito, chamado de memória discursiva, mesmo quando distante, tem efeito sobre o discurso. Portanto, é importante compreender a produção e a apreensão de um discurso como processos que incluem aspectos históricos, sociais e culturais, atrelados a noções de atualidade. Afinal, como diz Orlandi (2005), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem memória e ideologia.

O dizer do homem é afetado pelo sistema de significação em que o indivíduo se inscreve. Esse sistema é formado pela língua, pela cultura, pela ideologia e pelo imaginário. Dizer e interpretar são movimentos de construção de sentidos, e, assim como o dizer, também o interpretar está afetado por sistemas de significação (BENETTI, 2010, p.109).

Ao considerar que o sentido não existe de forma individual, mas é determinado pelas posições ideológicas, admite-se que as palavras mudam de sentido de acordo com a posição do sujeito que as emprega. Assim, surge o conceito de formação discursiva, que se trata de uma espécie de *região de sentidos* (BENETTI, 2010). A formação discursiva indica o que deve e pode ser dito numa situação específica, por determinadas pessoas, de acordo com a ideologia instalada no contexto. É importante ressaltar que a ideologia, segundo Orlandi (2005), é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos, e que ela trabalha para produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência. Portanto, a formação discursiva existe atrelada a uma formação ideológica que, por sua vez, é articulada à linguagem, numa relação na qual esses dois elementos se afetam de forma recíproca. E é pela referência à formação discursiva que compreende-se, no funcionamento discursivo, os diferentes sentidos.

Outro conceito importante na análise de discurso é o da paráfrase, que, de acordo com Orlandi (1993), é o que permite a produção do mesmo sentido sob várias de suas formas. O processo parafrástico é aquele em que todo dizer possui sempre algo que se mantém, numa repetição de um mesmo sentido, num caráter de estabilização. Esse processo é definido como a matriz do sentido, uma vez que não há sentido sem repetição ou sustentação no saber discursivo. A paráfrase trabalha em contradição à polissemia, que age num sentido de deslocamento e ruptura dos processos de significação. Dessa forma, os dois conceitos se contrapõem entre o mesmo e o diferente, entre o efêmero e o que se eternaliza.

Destacados esses aspectos da análise de discurso, é importante esclarecer que o presente trabalho se utiliza dessa metodologia porque ela se aplica no propósito de identificar sujeitos, desvendar sentidos, observar linguagens. Esse é justamente o objetivo desta pesquisa, que busca compreender a construção de sentido que o programa jornalístico

*Profissão Repórter* desenvolve nos seus episódios que abordam a temática da infância e da adolescência. A análise de discurso se enquadra nesse objetivo ao considerar o jornalismo e o próprio produto televisivo como formas de produção de conhecimento que, através da linguagem, criam, reproduzem e transportam sentidos. Afinal, o jornalismo busca empregar uma linguagem supostamente neutra - o que essa imersão nos sentidos do discurso demonstra ser uma utopia, considerado o processo intersubjetivo de produção e de interpretação desse conteúdo.

Os sentidos não estão presos ao texto nem emanam do sujeito que lê, ao contrário eles resultam de um processo de inter-ação texto/leitor. [...] Leitor e texto, portanto, vão se integrando e se desvencilhando à medida que a historicidade de ambos emerge no processo de leitura (MARIANI<sup>1</sup> apud BENETTI, 2010, p. 109)

O jornalismo descreve a sociedade para a própria sociedade, por meio de um texto concebido a partir de elementos exteriores atuais ou anteriores, como a cultura, o senso comum e a história. A análise de discurso busca identificar onde esses elementos estão inseridos nessa linguagem, e também procura mapear as vozes presentes no discurso jornalístico, que se diz polifônico, mas nem sempre possui enunciadores plurais que apresentam conhecimentos a partir de diversos pontos de vista. “[...] apenas a pluralidade de perspectivas de enunciação pode configurar o jornalismo como um campo plural e representativo da diversidade social” (BENETTI, 2010, p. 120).

## 4.2 Corpus

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foi feito um levantamento das edições do programa *Profissão Repórter*, desde 3 de junho de 2008, quando ele se tornou semanal na grade de programação da Rede Globo, até 2 de outubro de 2012. Dos 133 programas veiculados nesse período, nove foram selecionados para a análise por tratarem de temáticas relacionadas ao universo da criança e do adolescente. Essas edições serão identificadas pelas seguintes palavras-chaves ao longo do trabalho: *Crianças vítimas do crack* – 02/10/2012, (Crack), *Trabalho infantil* – 10/07/2012, (Trabalho), *Abuso sexual de crianças* - 29/05/2012, (Abuso), *Gravidez na adolescência* – 22/11/2011, (Gravidez), *Jovens e drogas* – 19/07/2011,

---

<sup>1</sup> MARIANI, Bethania. Sobre um percurso de análise do discurso jornalístico: a Revolução de 30. in: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Org). *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1999.

(Drogas), *Bebês abandonados* – 03/05/2011, (Abandonados), *Adoção* – 03/08/2010, (Adoção), *Crianças em perigo* – 23/06/2009, (Perigo), e *Escola de periferia* – 19/05/2009, (Escola).

Os programas selecionados foram assistidos de forma crítica e, a partir desta primeira observação, foram estabelecidas categorias de análise, de acordo com agrupamentos de sentidos encontrados. Essas categorias baseiam-se em elementos da constituição do programa que colaboram para a formação da sua ideologia. São elas: *Infância idealizada*, *Infância Marginalizada* e *Manutenção do senso comum*. Inseridas nessas categorias, estão sequências discursivas que exemplificam os sentidos encontrados. É importante destacar que, por se tratar de um programa televisivo, não somente o texto de linguagem oral será analisado, mas também o discurso visual. As transcrições dos textos serão feitas de forma literal, mantendo traços da língua falada. As partes destacadas em negrito nas sequências discursivas são os trechos que concentram a formação de significado.

Para apontar os locutores de cada sequência discursiva, foi organizado o seguinte esquema: quando Caco Barcellos for responsável pelo enunciado, será indicado por “Caco”, quando a SD for proveniente de uma narração sobre imagens, seja ela de Caco Barcellos ou de um dos repórteres, será indicada por “Off”. Já nos enunciados de um repórter que aparece em cena, ele é indicado por “Repórter”. Quando o discurso for proveniente de uma fonte adulta, ela será identificada por “Adulto”. Quando a fala pertencer a uma criança ou adolescente entrevistado, ela será indicada por “Criança”.

As sequências serão apresentadas recuadas na página. A troca de interlocutor é indicada por travessão, nos casos de diálogos.

### **4.3 Programa Profissão Repórter**

O programa jornalístico *Profissão Repórter*, veiculado na Rede Globo, teve início em maio de 2006, como um quadro do *Fantástico* - programa dominical da mesma emissora. Exibido por dois anos nesse formato, produziu 48 reportagens, além de quatro programas especiais. Devido ao sucesso da iniciativa, em junho de 2008, o *Profissão Repórter* tornou-se um programa semanal que vai ao ar às terças-feiras, no horário das 23h30.

O programa é dirigido e apresentado por Caco Barcellos, jornalista que possui mais de 40 anos de carreira, e que já passou por importantes veículos de comunicação, como as revistas *Veja* e *IstoÉ*, o canal *GloboNews*, e a própria Rede Globo. Caco Barcellos foi participante ativo do jornalismo de oposição à Ditadura Militar brasileira, participou de

diversas coberturas de guerras, catástrofes naturais e se dedicou a grandes reportagens investigativas e de cunho social. Algumas dessas investigações resultaram em livros como o *Rota 66* (1992), que lhe rendeu o Prêmio Jabuti na categoria Reportagem, e *O Abusado* (2004), que recebeu o mesmo prêmio, desta vez na categoria de Livro do Ano de Não-Ficção.

Em depoimento concedido ao *Memória Globo*<sup>2</sup>, Caco Barcellos conta que o *Profissão Repórter* surgiu de um projeto idealizado desde 1990, que tem por objetivo reunir um grupo de repórteres heterogêneos que pudesse relatar o mesmo fato a partir de diferentes ângulos, assumindo as contradições e divergências que surgem na construção da pauta. Outra proposta do programa é trabalhar com jornalistas recém-formados, já que, de acordo com Caco Barcellos, esses profissionais são dotados de senso crítico, idealismo e costumam estar dispostos a desafios.

Com a ambição de revelar os bastidores da notícia e mostrar ao telespectador algumas etapas do processo de produção da reportagem, o *Profissão Repórter* já venceu diversos prêmios de jornalismo.<sup>3</sup> O programa semanal possui duração média de 30 minutos divididos em dois blocos: o primeiro tem cerca de 20 minutos e o segundo apresenta duração menor. Os assuntos retratados são, na sua maior parte, referentes a temáticas sociais.

#### 4.3.1 Formato

Cada edição do *Profissão Repórter* propõe uma temática que será desenvolvida, principalmente, por meio da narração de histórias de vida. Cada repórter seleciona um ou mais *cases* – pessoas que servem de exemplo daquela realidade que se quer mostrar – para basearem suas matérias. Já na abertura do programa, esses *cases* são apresentados por seus repórteres responsáveis de forma bastante dinâmica, introduzindo o assunto. Em geral, as edições são produzidas por três repórteres da equipe original, que possui nove profissionais, além de Caco Barcellos. Cada jornalista concentra-se em uma cidade ou região, abordando um determinado ângulo da temática principal. O assunto do programa, na maior parte das vezes, é escolhido de acordo com a sua relevância social: são assuntos atemporais, mas sempre em tensionamento na sociedade. A pauta é apresentada sem preocupação de que haja

---

<sup>2</sup> <http://memoriaglobo.globo.com/>

<sup>3</sup> Melhor programa do ano, 2008, Jornal Extra. Vencedor do Prêmio AMB de Jornalismo, 2007. Finalista do Prêmio Mídia da Paz 2007. Vencedor do Prêmio Jovem Brasileiro 2006, 2007, 2008 e 2009. Vencedor do Prêmio TV Press para melhor programa jornalístico de TV, 2007. Troféu Top of Business Nacional, 2008.

um acontecimento que justifique a sua exploração. A suposta relevância social do assunto ou a sua exclusividade justificam a abordagem.

O Profissão Repórter de hoje vai falar sobre o abuso sexual. **A violência mais comum contra as crianças no Brasil**, depois do abandono. [Abuso, Caco]

**O Profissão Repórter vai mostrar o que os pais nunca têm chance de ver.** O dia-a-dia dos filhos dentro da sala de aula. [Escola, Caco]

Apenas duas edições tiveram motivação factual para serem produzidas:

Histórias como as que **aconteceram essa semana** em São Paulo fazem pensar. O que leva uma mãe a abandonar um filho? [Abandonados, Caco]

A lei de adoção **acaba de completar um ano.** E nossa repórter passa um mês na maior vara de infância e juventude do país. [Adoção, Caco]

Recursos de edição de imagens são observados desde a abertura: logo no início é oferecida uma noção das histórias que serão apresentadas e é exibido o panorama do assunto principal. Considerada a importância dos primeiros instantes de programa no que diz respeito à apreensão da atenção do telespectador, a abertura prioriza as imagens mais impressionantes, em situações dinâmicas, acompanhadas de som ambiente destacado. Esse recurso transporta o espectador para a realidade retratada, muitas vezes dotada de carga emocional forte.

**Aqui nessa maternidade** de Manaus, três grávidas entre 12 e 17 anos de idade dão a luz por dia. [Gravidez, Caco]

Nesta sequência discursiva destacada, a imagem inicial do programa, com clara capacidade de impactar, é de uma adolescente em trabalho de parto. Enquanto a jovem está em processo de dar a luz, na sala de cirurgia, acompanhada de médicos, Caco Barcellos está ao lado dela, com microfone em punho, realizando a abertura do programa.

Situação semelhante é observada quando Caco Barcellos anuncia o assunto da edição em pleno ato da reportagem, enquanto um dos momentos ápices do programa se desenrola, mostrando a ação da paráfrase e do interdiscurso no sentido de “estar onde os fatos acontecem” construído pelo programa:

**Neste momento**, os funcionários tentam fazer a contenção de um menino que **está em plena crise de abstinência** pelo uso de crack. [Drogas, Caco]

Apenas as edições que abordam o abuso sexual e a adoção tiveram a apresentação realizada na redação, num formato de estúdio. O motivo desse tratamento diferenciado não é explicitado no discurso. Pode-se inferir que entre as interpretações possíveis estão de que os assuntos são delicados e por isso devem ser tratados de modo mais formal, ou de que o jornalista Caco Barcellos, que costuma apresentar o programa enquanto produz a notícia, não esteve diretamente envolvido com a produção desta reportagem. Há ainda a possibilidade de que, na falta de uma ação visual para ser gravada, um ambiente frio e sem referências foi usado.

Ao contrário do que se percebe no jornalismo diário, não há grande preocupação com a objetividade no que diz respeito à edição e à captação de imagens. Na narrativa construída pelo *Profissão Repórter*, a capacidade de transmissão de sentido da imagem recebe um tratamento mais elaborado, substituindo até mesmo o texto. Desta forma, os enquadramentos captados pelos cinegrafistas priorizam detalhes a partir de diferentes ângulos e distâncias, os movimentos de câmera são dinâmicos e se deslocam de forma rápida do repórter que fala para o entrevistado ou para objetos. O aproveitamento do som ambiente também se faz fundamental para a compreensão. Essa prática se dá porque a imagem é utilizada como a principal responsável por descrever o ambiente em que as pessoas retratadas vivem, as expressões que elas fazem enquanto falam – elementos fundamentais para que o objetivo de retratar uma realidade seja alcançado. O texto a ser narrado pela locução do repórter se encarrega das informações de contextualização, que dificilmente são explicadas somente por imagens. O texto é utilizado para dados como estatísticas, contextualização de personagens, de localidades, explicação ou narração do desenrolar da reportagem. No caso da estatística, ela sempre aparece acompanhada de gráfico ou de palavras escritas na tela.

Muitas das crianças que trabalham já recebem benefícios do governo. **Segundo o IBGE, 95% das crianças que trabalham estão na escola.** [Trabalho, Off]

**Robert** ajuda famílias de usuários de crack a buscar tratamento. [Crack, Off]

Percorremos **mais de mil quilômetros** pelas estradas da Bahia, um dos estados com maior número de crianças trabalhando. Mais de 70 mil. [Perigo, Off]

**Há conselhos tutelares por todo país. O trabalho deles** é garantir os direitos das crianças e dos adolescentes, mas na prática eles esbarram em muitos limites. [Perigo, Off]

**Estamos a procura de um pequeno sítio** onde acompanhamos a internação do menino Jonathan. [Crack, Off]

Prova de que a busca pela imagem é vital na concepção do programa, e que algumas vezes poderia se sobrepor à palavra, é a situação que ocorre na edição *Escola de Periferia*. A repórter acompanha o *case* de uma jovem de 15 anos que está grávida. A menina entra em trabalho de parto e vai para o hospital. Quando a repórter chega ao local, mesmo com autorização da família e da Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo, a direção do hospital não permite a gravação do procedimento. A entrada da repórter é vetada e ela fica furiosa diante do impasse de não poder entrar no estabelecimento e utilizar o recurso de imagem.

- Aqui não é a entrada principal?
- [Segurança] É, mas primeiro você precisa falar com o líder da segurança.
- **Você tá brincando.** [Escola, Repórter e Adulto]

**Era pra ser muito simples.** A gente tá na porta do hospital, ela tá lá em cima e a gente não pode chegar até ela. [Escola, Repórter]

**Tá mostrando que a gente tá proibido aqui do lado de fora do hospital, é isso?** [Escola, Repórter]

Na última sequência discursiva, a repórter faz a pergunta dirigindo-se ao repórter cinematográfico e ele responde fazendo um movimento afirmativo com a câmera, para que o público perceba a resposta. Por fim, de tanto insistir com as autoridades da instituição, ela consegue acompanhar o parto, mas sem o cinegrafista. Este é o diálogo com o diretor do hospital, sobre a entrada na unidade de parto:

- A câmera não, somente você. Seus olhos vão filmar o parto.
- **E como eu mostro isso pro meu telespectador** depois?
- Por outras maneiras, por outros meios.

- **Não estou convencida, doutor, eu queria gravar.** [Escola, Repórter e Adulto]

Depois dessa conversa, a repórter entra no bloco cirúrgico acompanhada do médico. Na edição da reportagem, após essa cena, a repórter narra rapidamente como foi o procedimento.

**O que pude ver, não posso mostrar.** Na sala de pré-parto havia duas grávidas. **Uma mulher aos berros e Leidaiane**, que resistiu a oito horas de fortes contrações em silêncio. A menina de 15 anos fez um único pedido, que mãe não saísse de perto. Depois do parto, essa é a **primeira imagem de Leidaiane** [imagem da menina deitada em uma maca, no corredor do hospital]. [Escola, Off]

Essa breve descrição de como foi o desenrolar do parto é ilustrada com uma arte que simula o que é dito. Na narração, ela prioriza o comportamento das pessoas envolvidas e a presença da mãe: elementos que transmitem emoção e que, de acordo com os exemplos antes citados, a repórter demonstra considerar ideal de serem retratados através de imagens, de acordo com a ideologia do programa.

Recursos de animação também são utilizados na passagem de um ambiente para outro, já que o programa é construído pela intercalação das matérias de diferentes repórteres. Quando a troca de localidade é efetuada, um pequeno mapa informa qual cidade ou região está sendo mostrada. Além da animação, o tratamento de imagem, seja com filtro de cor ou com efeitos de vídeo, também é bastante presente, assim como sonorização e trilha. Esses elementos conferem identidade ao programa e o deixam atrativo esteticamente, além de agregarem valor ao produto final.

Outro aspecto importante na constituição do *Profissão Repórter* é a própria figura do Caco Barcellos. Jornalista renomado, ele atua como um tutor dos jovens repórteres, acompanhando o trabalho e dando conselhos para esses profissionais que aparecem na figura de aprendizes.

- **Como é que tá o seu trabalho aí?**

- Hoje foi bem legal, a gente acabou conhecendo os conselheiros tutelares que estão acompanhando o caso dela. [Abandonados, Caco e Repórter]

- **Eu acho que um caminho** é colar no Kleiton. O Kleiton tá legal com você. **E eu insistiria mais** pra conseguir acesso a esses jovens. [Escola, Caco]

Caco Barcellos aparece como uma figura institucional do programa, transmitindo valores como credibilidade e liderança. Esse tratamento pode ser observado inclusive entre as fontes, que chegam a se dirigir ao jornalista como “Profissão Repórter”.

- **E aí, Profissão Repórter!** – Boa noite. Conhece bem o pessoal que circula por aqui? [Crack, Fonte e Caco]

A posição de destaque se faz valer inclusive na abertura do programa, que tem a participação dos outros repórteres, mas a apresentação oficial, inclusive com a frase característica “os bastidores da notícia, os desafios da reportagem, agora, no Profissão Repórter” é protagonizada por ele durante a produção da matéria. Já no desenrolar da reportagem, o jornalista quase sempre fica responsável pelo principal *case* de cada episódio. Também é ele quem faz a locução na troca de blocos, o tradicional “a seguir”, como uma voz institucional do programa.

## 5 CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

### 5.1 Infância idealizada

O programa trabalha com o conceito de que as crianças atingidas pelas problemáticas sociais não vivenciam a infância na sua plenitude e acabam por anteceder a fase adulta.

O Profissão Repórter de hoje conta a história dessas meninas que **ainda nem saíram da adolescência e já têm vida de mulher.** [Gravidez, Caco]

No Profissão Repórter de hoje: crianças em perigo, **a infância que termina antes do tempo.** [Perigo, Caco]

**Eles nem deixaram a infância** e já encontraram o lado mais bruto da vida. [Drogas, Caco]

“[...] a noção de infância envolve uma teia complexa de relações que tecem a produção de significados, entre as quais os esquemas narrativos, as imagens e os conceitos que circulam no jornalismo e que permeiam o tecido social” (ROSA; MORIGI, 2007, p. 76). No *Profissão Repórter*, percebe-se um tensionamento em caracterizar a infância no seu caráter de inocência e de dependência. Ao se depararem com crianças e adolescentes envolvidos em práticas adultas, e muitas vezes nocivas, os repórteres logo recuperam valores latentes na sociedade, que relacionam a infância à noção de fragilidade. E os jornalistas propõem esses valores às crianças entrevistadas, questionando a situação em que se encontram, numa tentativa de alertá-las de que essas condições nas quais elas se encontram não são as ideais. Se a fonte não concorda com o ponto de vista do repórter, o jornalista costuma fazer o questionamento de novo, demonstrando um ato de incredulidade, como se fosse óbvio que o repórter tem razão.

Olha, lá vem o ônibus ali. **Não é perigoso?** [conversa com crianças que transportam madeira em cima de jegues, pelo acostamento da estrada] [Perigo, Caco]

- **Não é muito pesado isso pra você, não?**

- É não.

- **Não?**

- É não. [conversa com menino que leva carrinho de mão repleto de caixas de verdura, em uma feira] [Trabalho, Caco]

- **Não queima o dedo isso aí, não?**
- Queima não.
- **Tá saindo fumaça de tão quente.** [conversa com criança que trabalha com mariscos fervidos] [Trabalho, Repórter e Criança]
  
- **Não é muito nova pra ser mãe?**
- É, né. Mas é assim mesmo, a vida é assim.
- **Não dava pra esperar um pouquinho?**
- Não, as coisas não é como a gente quer, é como elas são.
- **É?**
- É, aconteceu. [Gravidez, Repórter e Adulto]

No episódio que aborda o trabalho infantil, uma conversa entre repórter e cinegrafista revela a concepção de infância ideal que os jornalistas possuem e a desaprovação que sentem em relação ao que encontram no local da reportagem. Acompanham a rotina de crianças que trabalham no processo de captura e limpeza do sururu, um marisco encontrado na região Nordeste do Brasil e que é utilizado na culinária. A equipe se depara com um grupo de adultos e crianças que limpam o molusco. Depois de entrevistarem uma mulher que trabalha com a filha de nove anos, e que começou a trabalhar também quando era criança, entabulam a seguinte conversa enquanto retornam ao carro de reportagem:

- **Mas ela [mãe da menina] começou também ajudando a mãe dela.**
- É um negócio bem familiar, né. Mãe, pai, primo, vizinho.
- **Eles [crianças] têm que estudar e ajudar os pais no momento em que eles estiverem fora da sala [de aula]. Até que ponto isso é uma coisa aceitável e até que ponto essas crianças tão trabalhando de fato, né?**
- Sim. Eu fiquei muito na dúvida. Eu queria perguntar pra ela assim, uma coisa tipo,  **você não preferia tá brincando, fazendo qualquer outra coisa? Só que na frente dos pais eu achei difícil.**
- Você pode fazer essa pergunta daqui a pouco.
- É, tipo num outro momento, quando os pais não estiverem perto.  
[Trabalho, Repórteres]

Neste trecho é possível destacar alguns sentidos. Ao observarem os mesmos hábitos se repetindo em diferentes gerações, os jornalistas relacionam esse caso de trabalho infantil ao contexto social e cultural – uma tradição de negligência que impede que essas crianças tenham uma infância digna. Logo depois, o cinegrafista revela sua opinião acerca do trabalho infantil. A prioridade é que a criança frequente a escola, e não seria aceitável que ela estivesse levando o trabalho como a atividade principal da sua rotina. Para o apresentador, existe um

limite para o “aceitável”, que está entre ajudar os pais e desempenhar um papel real de trabalhador. Já a repórter demonstra não concordar que uma criança se dedique a esse tipo de função. Faz a relação direta de que a atividade preferida de uma criança seria brincar e parece não acreditar que uma criança esteja feliz naquela situação. Quando a repórter diz que teve vontade de perguntar se a menina preferia estar fazendo “qualquer outra coisa”, deixa transparecer que qualquer outra coisa – no âmbito de atividades socialmente aceitas como típicas da infância – parece mais adequada do que desempenhar aquele tipo de trabalho. Na opinião da repórter, a criança não teria opção de escolha, e, se pudesse escolher, estaria fazendo outra coisa. Por fim, se mostra desconfortável em questionar a criança sobre essas preferências na frente dos pais. Escolhe abordar a menina quando ela está sozinha. Isso demonstra que é mais fácil para o repórter conversar com uma criança, que talvez não a julgue pela sua pergunta e provavelmente será sincera (a utilização dessa ingenuidade infantil no programa será abordada mais à frente na pesquisa). Algo interessante de se observar, também, é que a repórter sorri enquanto entrevista a mãe, de modo que não deixa transparecer reprovação sobre a mulher submeter a filha à mesma situação que ela viveu na infância. Ao perguntar para a menina, na frente dos pais, se ela preferia estar fazendo qualquer outra coisa, a repórter deixaria transparecer a sua reprovação e talvez perderia a chance de fazer mais entrevistas com aquelas pessoas.

No dia seguinte a repórter encontra a mesma menina brincando na frente de casa, com outras crianças.

- **Você prefere brincar ou despinicar o sururu?**
- **Os dois.**
- Os dois? **Como assim os dois?**
- **Uma hora eu despinico e outra hora eu brinco.** [Trabalho, Repórter e Criança]

Seja por submissão aos pais, conformismo com as obrigações, ou sinceridade, a criança contrariou a crença da repórter. Com outra menina de nove anos que foi entrevistada, a resposta não foi a mesma. A locução que antecede esta entrevista é: “A amiga Rafaela diz que não pode brincar tanto quanto gostaria”.

- **Pode brincar agora?**
- **Eu tenho compromisso.**
- Qual é o compromisso?
- Sururu pra catar.
- [...]

- **De manhã eu despino sururu e à tarde eu vou pra aula.**
- Hum, cê passou de ano?
- Não.
- **Cê não passou de ano? Que que aconteceu?**
- Que a preguiça... A professora era muito chata. **Porque eu faltava muito porque eu despincava sururu.** [Trabalho, Repórter e Criança]

Neste caso, os repórteres têm suas teorias comprovadas. A criança gostaria de brincar mais, o trabalho prejudica os estudos e, as mãos da menina, mostradas na imagem, estão machucadas em função do trabalho com os moluscos, que têm uma casca dura, demonstrando que essa é uma atividade que lhe causa prejuízos.

Os repórteres vão até a escola da comunidade e conversam com a diretora sobre a evasão das crianças trabalhadoras.

- [Diretora] A criancinha já vai aprendendo e quando ela vai crescendo vai ajudando a mãe também na questão da venda e da comercialização do sururu. **Isso vai afastando um pouco a criança da escola.**
- [Repórter] **Um pouco?**
- [Diretora] **É, podemos dizer que muito, né. Pra não ser pessimista.** [Trabalho, Adulto e Repórter]

Aqui, a repórter interfere ao incluir a sua percepção no discurso da diretora. A diretora pode ser considerada uma das autoridades da comunidade, sobretudo para a questão de educação, portanto teria conhecimento para falar sobre a situação, ainda mais por vivenciar aquele contexto social. Mas a jornalista impõe a opinião e mais uma vez insere os conceitos de infância prejudicada naquele ambiente cultural que parece não compartilhar da mesma concepção de infância.

É importante ressaltar que, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), é proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos, salvo na condição de aprendiz. Além disso, ao adolescente empregado, a formação técnico-profissional deve ser realizada mediante a garantia de acesso e frequência obrigatória do ensino regular; a atividade deve ser compatível aos desenvolvimento do adolescente e deve ser feita em horário especial – sendo vedado o trabalho noturno, perigoso, insalubre ou penoso, ou ainda realizado em locais prejudiciais à formação ou que não permitam a frequência à escola. E mais, o ECA também inclui no Capítulo II, que diz respeito à liberdade, ao respeito e à dignidade, o direito da criança de brincar, praticar esportes e divertir-se.

A repórter, portanto, tem a percepção de infância ideal respaldada por termos legais e pelo senso comum. “Quem contempla o entorno coloca-se no centro de uma esfera virtual que é seu campo de percepção: a partir dos estímulos externos, fabrica uma *representação* que corresponde de alguma forma à realidade” (LAGE, 2005, p.106). De fato, como mostra a reportagem, aquelas crianças trabalhadoras frequentemente faltam à escola ou abandonam os estudos, têm menos tempo para o lazer e realizam trabalhos que muitas vezes não estão de acordo com o seu desenvolvimento físico e mental, ou que representam riscos. Porém, a imposição desta visão de infância por meio dos diálogos demonstrados acima, e a busca evidente da comprovação desses conceitos, produzem um questionamento acerca do papel do repórter naquela situação. As próprias atitudes e declarações dos entrevistados e a contextualização da reportagem parecem ser suficientes para que repórteres e telespectadores construam e compreendam aquela realidade. Essas intervenções dos repórteres acabam por serem excessivas na construção da notícia, atuando na formação de valores morais. A exposição de dados sobre a legalidade daquela situação parece suficiente para comprovar se há abuso, se fazendo desnecessária a contribuição da carga cultural da repórter.

Outro conceito de infância perdida é exposto pela impressão de que essas crianças desempenham atividades e têm comportamentos exclusivos de adultos, sem que elas estejam amadurecidas o suficiente para essas experiências. No programa que trata da gravidez na adolescência, esse sentido é bastante destacado. Essa colocação é feita logo no início da edição, sobre uma menina de 12 anos que estava grávida:

### **É uma criança com outra criança dentro, né... [Gravidez, Adulto]**

Durante o programa são destacadas as atividades que as jovens mães tiveram que abdicar, como o estudo e as horas de lazer. Essa “perda de infância e passagem abrupta para a vida adulta” é construída através da com exploração do caráter emotivo do entrevistado. Numa passagem, eles entrevistam uma mãe que chora por acreditar que a filha de 14 anos foi irresponsável e ainda não estava pronta para ter um filho. Em outro momento, com outros entrevistados, mesmo quando a adolescente se mostra forte, como no trecho a seguir, em que uma menina de quinze anos grávida e solteira mostra o seu enxoval, o repórter procura explorar o sentimento até encontrar o ponto sensível do entrevistado.

- [Repórter] **Não tem um sofrimento no meio disso?**

- Tem muito. **Eu tive que parar tudo que eu tava fazendo.** Tive que parar o colégio, o meu curso de inglês, de espanhol, de informática.

[...]

- **Você tem um momento do dia em que você chora?**

- Tenho, quando eu lembro.

- **À noite?**

- **À noite, principalmente quando eu tô só.** Até mesmo quando eu tô conversando com minhas amigas, **lembrando do passado, o que eu fazia antes. Eu choro até hoje de saudade do meu pai também.**

[Gravidez, Caco e Criança]

Atenta à conversa, a tia da menina, completa:

- Você sabe que a mulher fica muito carente, né. **Ela pode ter só 15 anos, mas ela sente como qualquer mulher.** [Gravidez, Adulto]

Na reportagem, o fato dessas meninas agirem como mulheres, apesar do sofrimento e da falta de maturidade, é explicado pela tentativa de fugir de uma infância que não foi a ideal. No fim do programa, Caco Barcellos conversa com uma médica que pesquisa a alta incidência de gravidez na adolescência na região Norte do país. A doutora explica que os resultados da pesquisa apontam que grande parte das meninas deseja o filho porque enxerga na gravidez uma possibilidade de subirem hierarquicamente na família, de terem mais liberdade e autonomia.

- [Caco] **É uma maneira de fugir dessa infância oprimida, então.** Pode ser.

- [Médica] Também. Talvez porque **a infância não esteja oferecendo tantos prazeres pra ela, que seria o normal, e aí ela acaba fugindo dessa fase.** [Gravidez, Caco e Adulto]

Ao longo do programa, algumas entrevistas servem como comprovadoras desse ponto de vista proposto pelo repórter:

- Ele [namorado] queria que eu saísse da casa da minha mãe. **Aí a gente fez isso de propósito, senão a gente nunca ia morar junto.** [Gravidez, Criança]

- Por que tem tanta menina que nem a Camila, grávida, aqui em Manaus, no Amazonas?

- **Na minha opinião, eu acho que é pra ter mais liberdade. Ficando grávida elas vão poder sair e acham que vão crescer.** [Gravidez, Caco e Adulto]

Na atitude dos repórteres, eles demonstram pensar que essas adolescentes ainda não têm maturidade e preparo suficientes para cuidarem de um filho:

- Vocês dormem os três [bebê, marido e esposa] aqui nessa cama? **E não tem perigo de esquecer e esbarrar nela** [bebê]?
- Não, acho que não. [Gravidez, Repórter e Criança]

- **Não é muito talco não?**
- Não. [Gravidez, Repórter e Criança]

No episódio intitulado *Trabalho Infantil*, Caco Barcellos tem o seguinte diálogo com um menino que trabalha numa feira, no Rio Grande do Norte, e ganha vinte reais por dia:

- O que você faz com esse dinheiro todo?
- Guardo.
- Pra que?
- Pra comprar um carro pra eu.
- E quanto você já tem guardado?
- Uns três mil.
- E por que você quer tanto esse carro?
- Pra arranjar mulher, né.
- **Pra arranjar mulher? Mas nessa idade, meu.** [Trabalho, Caco e Criança]

Neste caso, fica exposta a opinião de Caco Barcellos, que não considera essa ambição condizente à idade da criança, que aparenta ter dez anos. “A informação que engendra e estrutura a percepção sobre o tema [infância] – e a forma como é tratada, organizada e disseminada essa informação – encontra-se permeada de valores, crenças, normas, interpretações e reflexões que modelam uma forma de pensar e conhecer” (ARCE, 2008, p. 282).

## 5.2 Infância marginalizada

Como já foi proposto, a criança representada pelo *Profissão Repórter* passa por diversos problemas sociais e por isso não vive a infância idealizada, portanto, acaba por desempenhar de forma marginalizada atividades e papéis típicos da vida adulta, uma vez que não possui maturidade e recursos suficientes para encarar tais responsabilidades. Para explicar as causas dessa situação vulnerável, o programa busca aqueles que seriam responsáveis pela

proteção dessas crianças. Os adultos que convivem e que, de certa forma, compactuam com as condições que essas crianças se encontram são julgados como responsáveis pela situação de fragilidade exibida.

- O trabalho para menores de 14 anos é proibido por lei. **Quando percebe nossa câmera, o pai dos meninos tenta se justificar.**

- Eles vão no colégio de segunda a sexta. [...] Não é um trabalho escravizado, não é nada disso. [Perigo, Off e Adulto]

[conversa com um homem que paga crianças para transportarem melancias em carrinhos de mão]

- **Por que o senhor não trouxe [as melancias]?**

- [...] Eu não podia. Era muita coisa.

- Muito pesado?

- Muito pesado.

- **E pro menino não é muito pesado?**

- Não, no carrinho não.

- **Ah, tá certo.** [Trabalho, Caco e Adulto]

No episódio *Crianças em Perigo*, a madrinha de uma menina de três anos procura o conselho tutelar para entregar a criança para adoção. Ela alega que a mãe da menina sofre de alcoolismo e não cuida da criança. A madrinha tomou a decisão de transferir a tutela da menina porque ela própria faz tratamento psiquiátrico e se diz incapaz de criá-la.

- Não tem como eu cuidar dela se eu não consigo cuidar nem de mim mesma.

- **Você gosta da criança?**

- Gosto, eu amo. Eu amo porque eu criei ela. Por isso que eu pedi pra ser madrinha.

[Perigo, Adulto e Repórter]

A pergunta do repórter cinematográfico é feita em tom de julgamento e deixa clara a associação que ele faz entre afeto e a criação ideal de uma criança. Para ele, parece incompatível alguém amar e lançar mão da tutela. No decorrer deste programa, enquanto a menina espera pelo transporte que a levará para o abrigo, ela chora e pede pela mãe. A repórter chora junto da criança, a abraça e a conforta. Ela tenta suprir a necessidade de carinho da criança naquele momento, tenta agir da forma que ela acredita que um adulto responsável deve agir diante daquela situação, mas peca na atitude de repórter, porque mistura o profissionalismo ao sentimento e ao impulso pessoal, desvirtua seu papel naquele contexto.

Além de confundir uma criança que procura por referências numa situação que lhe é dramática.

Mais tarde, a mãe da menina a procura no abrigo e, depois de uma conversa difícil com o conselho tutelar - que parece ainda mais tensa com a presença das câmeras da equipe de reportagem - consegue a guarda da criança de volta. Em todo o processo, o afeto da criança pela mãe é evidente, desde a exclamação quando a enxerga no abrigo, até quando ela acaricia o rosto da mãe que chora ao se explicar para os conselheiros: “Não chora, mamãe”.

Momentos comoventes como esse, em que as crianças demonstram um amor supostamente não correspondido pelos pais, se repetem em diversos programas, desde a *Gravidez na Adolescência* quando a criança se agarra à perna da jovem mãe que a deixou aos cuidados da avó, até *Bebês Abandonados*, em que o bebê de um ano e meio que deveria ir para casa com a mãe biológica se desvencilha e volta correndo para os braços da cuidadora temporária que o criou desde o nascimento. Na representação da criança marginalizada feita pelo *Profissão Repórter*, o abandono por parte daqueles que deveriam prezar pelo seu conforto e segurança é apontado como principal causador dessa condição.

[...] desenvolve-se uma visão protecionista das crianças, que não deixa de ser ambígua: a criança é vítima inocente que merece amparo, mas que, ao mesmo tempo, é vista como ameaça, pois foi contaminada e pode corromper aos outros, aos que há que preservar” (MARONNA; VILELA, 2007, p. 24).

O vínculo frágil - ou inexistente - entre pais e filhos é evidenciado, assim como o sofrimento e carência das crianças que vivenciam essa situação e o comportamento resultante disso.

**A família não abraça o jovem, perde a atenção dele, e ele se perde no mundo.** [Drogas, Adulto]

[cuidadora de abrigo falando sobre o comportamento das crianças]  
**Tem uns que veem a figura da mãe, então transferem a revolta. Tem uns que chuta, que briga.** [...] É gratificante cada dia tá cuidando deles, eles contando um pouquinho da história deles pra mim, né, **todo dia chorando, querendo colo de mãe**, e eu acabo muitas vezes chorando junto, né. [Abandonados, Adulto]

- **A mãe Cida [cuidadora do abrigo] é nossa mãe.** Parece que é de sangue mas não é.

[...]

- **Ela tá no lugar da nossa mãe agora.** [Abandonados, Crianças]

- **A nossa mãe não tinha condições de cuidar da gente. Ela deixou com as minhas duas irmãs de quinze anos** e aí denunciaram ela pro assistente social e aí foram pegar a gente e a gente veio pra cá [abrigo].

[...]

- **Até agora eu to pensando nisso.**

- Ah, é? Por que?

- **Por que pra ela foi doloroso.** [Adoção, Crianças e Repórter]

A figura da mãe é trazida como grande referência daquilo que representaria o carinho e o cuidado. Uma passagem bastante marcante se dá no episódio *Jovens e Drogas*, em que um menino de quinze anos, usuário de crack, é retirado da rua pela prefeitura do Rio de Janeiro para ser recolhido a um abrigo. Ele passa por crises de abstinência, tem comportamento agressivo, fala palavrões e cospe nas pessoas ao redor. É importante salientar que ele é violento com a equipe do abrigo que tenta conter a crise de abstinência, mas dirige os insultos e cuspes, principalmente, aos jornalistas do *Profissão Repórter*, que acompanham todo o processo de internação e tratamento. Depois de medicado, o menino se alimenta e conta sua história para uma funcionária do abrigo. Ele se chama Jhonatan e diz que a mãe está presa. Ele se incomoda com a presença de Caco Barcellos durante a conversa.

- Tio, deixa nós conversar em particular?

- Sim, posso ficar aqui do lado ouvindo um pouquinho? Sim?

- **Vai lá, daqui a pouco tu vem.**

- Tá, eu espero um pouquinho e depois tu me chama?

- Chamo.

- Então faz as pazes comigo. [Drogas, Criança e Caco]

Nesse diálogo, ao falar a frase destacada, o menino abraça o repórter de forma quase inconsciente. Em seguida, enquanto conversa com o repórter e uma cuidadora, ele adormece sentado em função do seu estado de esgotamento físico e dos medicamentos que estava tomando. No dia seguinte, o menino ainda tem dificuldades de se manter acordado, até mesmo em pequenos períodos, apenas para comer. Ao se convencer de que o garoto não estava em condições de acordar, um funcionário do abrigo o leva para a cama e ganha um beijo do menino, que depois chora enquanto dorme e chama pela mãe que não vê há seis anos.

- Ele te deu um beijo?

- Me deu um beijo. **É a carência, necessidade de afeto.** [Drogas, Caco e Adulto]

Visivelmente impressionado com a situação, Caco Barcellos procura a família do menino e descobre que a mãe não estava presa, como a criança imaginava. A equipe decide, então, promover um reencontro. A mãe e as duas irmãs visitam o menino no abrigo. Ele abraça todas e chora. Enquanto a mãe descobre e comenta marcas e cicatrizes no corpo da criança – resultado dos anos em que ele morou na rua – ele abraça a mãe e diz que ela está bonita. Caco comenta com uma irmã do menino: “Há quantos anos ele não abraça a mãe, hein...” e ela não responde. Na hora de se despedir, o adolescente chora. Uma funcionária do abrigo diz que ele acha que a mãe não vai voltar. A reportagem termina informando que depois daquela gravação já tinha se passado três semanas da internação de Jhonatan, e a mãe dele não havia voltado para visitá-lo.

Diversas significações podem ser destacadas nessa reportagem. O comportamento agressivo inicial e a carência do menino são os fatores que o levaram a ser o personagem principal do programa. A situação de fragilidade emocional e física e o encontro com a mãe têm apelo muito forte para a comoção do telespectador. A situação materializa a formação de sentido que relaciona a ausência dos pais com a marginalização da criança pura, que transmite e que necessita de amor, mas que acaba por desviar-se deste caminho quando não é correspondida pelos pais ou responsáveis. E nesta situação, mais uma vez, percebe-se o envolvimento exagerado do repórter, que se apega emocionalmente pela criança, torna-se uma referência de afeto, e acaba se engajando na solução do problema, neste caso, tentando uma reaproximação – que não é real, nem natural – entre a criança e a família. O caso do Jhonatan foi significativo para o *Profissão Repórter* a ponto do episódio *Crianças e Crack* recuperar esse caso e procurar pelo menino nas ruas do Rio de Janeiro, já que ele havia fugido do abrigo. Mas as buscas não foram bem sucedidas e eles não encontraram o garoto.

A criança marginalizada é construída a partir de um conceito de vulnerabilidade, como figura que requer cuidados e atenção especiais. A equipe de reportagem transmite esses conceitos e tenta resgatar e comprovar tal concepção nas realidades encontradas. Porém, quando se trata da abordagem dessas crianças como fontes jornalísticas, elas somente são tratadas de forma especial para a melhor compreensão da pergunta e também para uma certa aceitação da figura estranha que propõe uma conversa, mas não se verifica diferença contrastante no tratamento entre crianças e adultos no que diz respeito à escolha dos assuntos a serem discutidos. Essas crianças são vistas pelos repórteres como agentes que ocupam um papel não correspondente às suas condições, porém, os jornalistas se sentem confortáveis, a partir da situação em que essas crianças se encontram, para tratá-las quase como adultos, suscitando temas dolorosos.

[Off] A mãe deles foi pra Portugal há nove anos e nunca mais voltou pra ver os filhos.

- **Você lembra dela?**

- Não.

- E você, lembra?

- Lembro só um pouco.

- **E o que você espera que aconteça?**

- Que a minha mãe volte e que eu possa morar com meu pai e com a minha mãe. [Abandonados, Off, Repórter e Crianças]

- Você sabe o que aconteceu naquele dia em que você nasceu?

- Sim.

- O que que aconteceu?

- Minha mãe morreu.

- **Do que sua mãe morreu?**

- Nas fábricas.

- Por que?

- Explodiu.

[...]

- **Você gosta de falar nesse assunto ou não gosta de falar nesse assunto?**

- **Não.** [Perigo, Caco e Criança]

- Você tem filho?

- Já tive, mas eu tirei tudo.

- **Quantas vezes você engravidou? [...] Quatro vezes? Como é que você fazia pra tirar o bebê?**

- **Ah não, isso eu não gosto de falar não. Meu coração dói.** [Crack, Repórter e Criança]

Percebe-se certa ousadia dos repórteres no tratamento com as crianças. Não há preocupação com o transtorno emocional que as perguntas podem provocar ou com as consequências da rápida aproximação e depois rápido distanciamento do repórter, que demonstra certo afeto, conquista intimidade de uma criança carente e, depois de discutir um assunto doloroso, vai embora. Trata-se de uma abordagem complicada tanto com a criança, quanto com o adulto próximo. Esses entraves são exibidos diversas vezes por meio da hostilidade das fontes adultas, que não gostam da aproximação dos repórteres, já que eles desejam tratar de assuntos inconvenientes a elas. Essa dificuldade de tratamento também é destacada pela própria equipe.

Neste hospital está uma menina de onze anos. Ela foi violentada pelo pai adotivo e acaba de ter uma filha. [...] **Nossa grande preocupação era como contar uma história tão difícil e, ao mesmo tempo, vencer a resistência a nossa aproximação.** [Perigo, Off]

Essas “histórias difíceis”, como são classificadas no trecho acima, exigem preocupação não só na abordagem das fontes, como também na exibição do material captado. Por isso são utilizados recursos para borrar o rosto das crianças que não têm autorização de imagem cedida pelos responsáveis. Porém, muitas vezes, a identidade dessas crianças é exposta, já que em alguns momentos opta-se por exhibir, em quadros fechados, partes da expressão dos entrevistados, como a boca e, principalmente, os olhos. Esses enquadramentos denunciam sua identificação, pelo menos para quem as conhecem e podem reconhecê-las. Além do questionamento acerca da preservação da identidade, e da intensidade das conversas, é possível problematizar as situações em que as crianças marginalizadas são expostas. Imagens chocantes desde um menino em crise de abstinência que se debate amarrado à cama, até a jovem que está em pleno parto, enfatizam a busca pelas situações flagrantes que oferecem maior veracidade, independente do resguardo que poderia ser adotado por tratarem-se de crianças protagonizando essas cenas delicadas. “[...] na perspectiva social, o direito à informação pode admitir restrições. São inúmeros os casos de conflito entre a liberdade de manifestação e expressão e a regulação de proteção à criança e ao adolescente” (GENTILI, 2005, p. 133). A busca pelos flagrantes contribui, também, para a espetacularização do tema.

A abordagem dos repórteres e a exposição dessas crianças são feitas pelo programa considerando o caráter “adulto” assumido por elas, mas em alguns momentos é possível verificar que as crianças não estão prontas para essa experiência, especialmente nos casos em que elas não se sentem confortáveis em falar, mas são intimidadas pela insistência dos jornalistas. Como no caso de Brenda, de 15 anos, que é viciada em drogas e não quer falar com a equipe de reportagem que insiste por uma entrevista, já dentro da casa dela.

**- Eu não quero. Tá filmando...**

- Ô Brenda...

**- Não sou obrigada, não. Sai fora! Vai pro inferno!** [Crack, Criança e Repórter]

Depois de muito insistir e tentar aproximações de diferentes formas, o repórter consegue uma entrevista com a menina, que se sente envergonhada pelo comportamento anterior e diz que vai procurar um tratamento.

**Desculpa por ter ficado nervosa na hora. Eu fico assim mesmo, mas eu sou uma pessoa boa.** [Crack, Criança]

Outro caso de insistência que acaba por expor a criança e deixá-la em situação desconfortável é observada no episódio *Trabalho Infantil*, quando Caco Barcellos aborda meninos que trabalham numa feira e os obriga a entrar em contradição.

- Que idade cê tem?
- Tenho 18 [mas aparenta ter bem menos].
- **Também? Todo mundo tem 18 aqui... Em que ano você nasceu?**
- **Sei lá, ô. Eu nem me lembro não.** [Trabalho, Caco e Criança]

Ao serem questionadas desta forma, muitas crianças mostram-se acuadas, agressivas ou confusas com a situação. Algumas têm certa consciência do que está acontecendo, mas não parecem ter muita noção da razão de estarem sendo entrevistadas. Elas mostram-se tímidas e um pouco julgadas porque percebem que, apesar de sorridentes e na maior parte das vezes, gentis, os repórteres estão ali porque elas fizeram algo de “errado”. O comportamento invasivo dos repórteres e a falta de maturidade das crianças para lidarem com essa intromissão, culminaram, algumas vezes, em conflito ou fuga dessas crianças. No episódio *Trabalho Infantil*, dois gêmeos vão embora do colégio e voltam pra casa quando percebem que a equipe de reportagem está no portão a sua espera para a entrevista. Em *Crianças Vítimas do Crack*, um menino de 15 anos foge de casa enquanto se arrumava para comparecer a uma audiência na justiça, em função de um crime que cometeu. Ele fugiu porque estava com vergonha de que a equipe do *Profissão Repórter* o acompanhasse na rua, enquanto ele ia para a audiência.

Em outro caso, no programa *Jovens e Drogas*, um menino de 14 anos, dependente químico, briga com o pai porque não está de acordo com o acompanhamento da equipe de reportagem. Os jornalistas acompanham a discussão dos dois dentro de casa. A repórter se sente desconfortável com a situação e resolve não procurá-los mais na reportagem.

**Pensei: até que ponto vale? Qual é o limite pra você ajudar outras pessoas, orientar outras pessoas, sem você invadir, sem você prejudicar a vida de alguém, porque é uma intromissão.** [Drogas, Repórter]

Neste caso, é possível verificar que a repórter incorpora uma missão muito maior do que acompanhar e transmitir uma realidade. Ela se sente como um agente ativo entre aquelas pessoas, se considera apta a orientá-las e acredita que vai ajudá-las com a sua abordagem. Ela não está ali apenas como jornalista que documenta experiências e as utiliza numa construção

de realidade que será repassada aos telespectadores, ela se envolve diretamente com as fontes e sente-se responsável por elas, mesmo nessa dualidade de pensar que está fazendo um bem ao mesmo tempo em que invade a intimidade e prejudica as pessoas. Essa passagem funciona como uma justificativa do programa, que por vezes transtorna a vida dos entrevistados, mas tudo por um bem maior, com a boa intenção de informar e de ajudar.

Algumas vezes, os jornalistas também admitem que, em função da falta de maturidade das crianças, a presença deles e, sobretudo, das câmeras, pode potencializar certos tipos de comportamentos. Diante de uma criança que incomoda-se com a presença das câmeras durante uma crise de abstinência em um abrigo:

**Nossa preocupação também é que a câmera não provoque ainda mais coisas do que já acontecem em lugares como esse. [Drogas, Caco]**

Em outra situação, ainda no mesmo programa, *Jovens e Drogas*, um repórter resolve se retirar do local onde crianças usuárias de crack se reúnem em Salvador, quando percebe que a sua presença acaba por incentivar aquele comportamento, já que as crianças se exibem para câmera ao fumar e relatar os efeitos da droga para a equipe.

**Eu acho que a gente tá estimulando o que tá acontecendo aqui. A gente não quer que vocês usem não. [Drogas, Repórter]**

### **5.3 Manutenção do senso comum**

As temáticas tratadas pelos programas analisados são polêmicas e suscitam diversos posicionamentos na sociedade, de modo que existe senso comum para o conceito de infância marginalizada e para o perfil das crianças e famílias envolvidas nessa situação. Se postularmos que o *Profissão Repórter* é construído a partir da seleção de casos considerados representativos de tais realidades, ele exhibe o que seria o exemplo mais significativo dessa situação. Porém, ao trabalhar desta maneira, é preciso considerar que há uma generalização que passa por cima de especificidades e atua no sentido de sedimentação de conceitos pré-estabelecidos, já que a credibilidade do programa legitima conceitos.

Os meios massivos de comunicação constituem o espaço privilegiado de circulação de discursos portadores de representações sobre a infância, entre outras áreas de significação. Expõem, reafirmam e legitimam as percepções dominantes, mas são também espaços de novos discursos nos meios, usá-los como instrumento de

transformação, pondo em ação sua capacidade amplificadora (MARONNA; VILELA, 2007, p. 26).

Um episódio que serve de exemplo do senso comum atuando na escolha dos entrevistados e do enquadramento da reportagem, é o *Escola de Periferia*. O programa promete mostrar o cotidiano dos alunos dentro de uma escola pública. No início da edição são mostrados adolescentes que visitam a Rede Globo. No caminho que vai da periferia para os estúdios que ficam numa área nobre da cidade, o estranhamento dos alunos com a mudança de ambiente é destacada, já iniciando uma sensação de diferença de comportamento baseado na posição social, o que provoca distanciamento.

Eu tô comentando aqui com ela que até parece que a gente tá, assim, em outro ambiente, outro mundo. **Aqui não é nosso mundo**, assim. As pessoas toda chique assim. Nossa, é muito diferente. [Periferia, Criança]

Essas crianças e adolescentes que vivem num mundo “diferente”, que é a periferia, são retratados a partir do seu caráter mais distante do que é institucionalizado como padrão:

Eu tava conversando com as meninas, **a Leidaiane me contou a história dela, que eu acho que é até representativa desse universo. Ela tem 15 anos e tá grávida.** [Periferia, Repórter]

Esse “universo” é apresentado de forma bastante estereotipada ao longo do programa. Os jovens de periferia são retratados por meio de exemplos extremos. Espera-se deles algo exótico, marginalizado. “Ao dar destaque ao desvio, ao bizarro e ao pouco comum, os jornalistas apóiam implicitamente as normas e os valores da sociedade” (GITLIN<sup>4</sup> apud TRAQUINA, 2001, p. 112). Uma conversa entre um repórter e Caco Barcellos deixa essa busca bem evidente. Ele acompanha uma festa dos jovens de ensino médio de uma escola pública e fica decepcionado com o que encontra: jovens que dançam sem cometer nenhum tipo de atitude fora do comum.

- O lance é o seguinte: **eu acho que teve uma certa frustração aqui dentro porque talvez esperassem mais do jeito como eles se divertem.**

---

<sup>4</sup> GITLIN, Todd. *The whole world is watching: mass media in the making and unmaking of the new left*. Berkeley, CA, Los Angeles, CA & London, U.K: University of California Press, 1980.

- Aqui dentro da matéria?
- Não, aqui dentro da redação. **A chatice da matéria eu imagino que venha da monotonia do cotidiano deles, que eles não têm muita opção de diversão.**
- **Eu concordo com você, são jovens pobres, mas costuma ser rica a história deles ali, embora para os padrões da classe média nem exista lazer, mas eles conseguem se divertir de alguma maneira, não só em balada. [...] Eu insistiria mais pra conseguir acesso a esses jovens.** [Periferia, Repórter e Caco]

A passagem é carregada de preconceitos. O repórter admite que dentro da redação se espera que esses jovens tenham atitudes extremadas, de modo que a matéria não fique chata. Há decepção porque retratar jovens de periferia seria pra eles uma aposta de flagrantes e de exposição de dramas – “histórias ricas” – mas quando eles se deparam com situações comuns, essa concepção vai abaixo. Caco Barcellos cita o padrão de lazer da classe média e compara com o padrão de diversão de quem mora na periferia, fazendo uma diferenciação e sugerindo que o repórter não se aproximou o suficiente para descobrir as outras formas de diversão mais “interessantes” desses jovens. Nas imagens captadas nessa festa, os adolescentes se divertem do mesmo modo que os jovens de classe média fazem, apesar de Caco afirmar que “para os padrões da classe média nem exista lazer”.

De um modo geral, os discursos (produtos) midiáticos operam nos interstícios, nos supostos ‘vazios’ das relações sociais, negociadas, impostas ou, ainda, instituídas pelos grupos humanos. É, pois, também a dimensão imaginária que, num determinado momento, torna uma informação mais aceita e autoprojeteável no meio social do que, diferentemente, se registra em outras ocasiões (GADINI, 2007, p. 84).

Ainda através do conceito de que pessoas pobres rendem histórias melhores, percebe-se que em todos os programas os entrevistados são de classe baixa. Essa conduta reforça o senso comum de que problemas sociais são demandas de populações de classe baixa e, de certa forma, contribui para o mascaramento dessas problemáticas quando inseridas em classes mais altas. Em todos os casos de gravidez na adolescência, uso de drogas, abuso sexual, abandono de bebês e trabalho infantil, as crianças marginalizadas e os adultos responsabilizados são pessoas pobres. Salva a exceção da nadadora olímpica Joanna Maranhão que é entrevistada por ter sido vítima de abuso sexual por parte de um treinador quando ela tinha nove anos. Porém, a sua abordagem pode ser justificada pelo fato dela ser uma figura pública e ter uma lei publicada com seu nome, que diz respeito à prescrição dos casos de abuso sexual de crianças.

Diante desses entrevistados marginalizados, os repórteres, na posição de representantes deste outro mundo diferente e mais evoluído, manifestam alguns valores morais que reforçam a noção de exclusão e de não adequação dessas fontes.

- **Quando você fala que é casado com uma mulher de 14 anos...**

- Eu acho normal.

[...]

[Off] O marido de Laisla trabalha como carpinteiro e **cria galos de briga.**

[...]

- **Não é proibido?**

- Aqui não me pegaram ainda não. [Gravidez, Repórter e Adulto]

[Off] Vagner já tem um filho da primeira mulher.

- **Mas agora pretende se estabilizar com a Ana [menina de 13 anos], né?**

- Sim, eu vou casar com ela.

- Vai?

- Vou.

- **Na igreja? E o padre aceita?**

- Aqui faz. [Gravidez, Repórter e Adulto]

- Eu acho feio trabalhar assim em casa. Eu não gosto. **Eu queria fazer alguma coisa melhor.**

- E quando você terminar a escola, o que você quer fazer?

- Curso.

- Sabe qual curso?

- Eu queria fazer engenharia mecatrônica.

- **Nossa!** [Trabalho, Criança e Repórter]

Os repórteres fazem valer a posição de superioridade para aproximarem-se das fontes e conseguirem o que há de mais sensível e destoante nelas. Com uma abordagem gentil na maior parte das vezes, eles expõem atitudes condenáveis destas pessoas, mas não se admitem na posição de julgadores; destacam a missão de informar como objetivo maior.

**É importante passar pra eles, até porque é uma verdade, que não é uma matéria exatamente de denúncia contra eles, mas que mostra o retrato da realidade que eles vivem aí.** [Trabalho, Caco]

Os jornalistas, porém, acabam por intervir nessa realidade retratada, uma vez que manifestam suas impressões – seja pela fala ou pela expressão corporal – e por influenciarem o discurso das fontes em alguns momentos.

- O senhor que contratou o menino?
- É.
- **O pessoal aí do Ministério do Trabalho acha errado...**
- **E eu realmente concordo. São crianças, né.**
- E por que o senhor contrata eles então?
- É porque eu não posso levar na mão. [Trabalho, Caco e Adulto]

Eu quero outra vida, não essa do sururu. Me cansa muito, sou um garoto tão novo e fico me matando à toa. **Um garoto assim que nem eu não era pra tá se matando assim. Era pra mim tá no colégio estudando, que nem eu vou fazer agora.** Vou voltar a estudar.  
[Trabalho, Criança]

Mesmo assim, é possível perceber, ao longo dos programas, que os entrevistados recebem papel de interlocutores de destaque e são também grandes responsáveis por enunciar conceitos típicos do senso comum. Diante do posicionamento da fonte, os repórteres manifestam reações de aprovação ou discordância.

[sobre colega de escola que está grávida]

**Acho que ela perdeu a virgindade muito cedo.** [Gravidez, Criança]

- Você acha certo isso? Você já começar [a trabalhar] desde cedo assim, tão pequenininho?
- **Acho porque não é melhor tá trabalhando que tá pegando nas coisa alheia dos outros?** [Trabalho, Repórter e Adulto]

Nos casos acima, o segundo é contrário à concepção de infância ideal. Esse tipo de postura é comum entre os adultos entrevistados no programa *Trabalho Infantil* e, para legitimar a posição de que esse conceito está errado, além do posicionamento na própria construção da matéria, os repórteres buscam uma fonte oficial, uma fiscal do Ministério do Trabalho.

- **Como é que você convive com esses argumentos dos mais velhos que dizem que se as crianças não trabalharem elas vão acabar roubando, usando drogas?**
- **Eu não tenho mais argumento pra essas pessoas. Cansei de argumentar. Agora tô agindo, usando as minhas prerrogativas.** Pra responsabilizar a pessoa que tá no fim dessa linha, se aproveitando, usufruindo de alguma forma desse trabalho, então nós vamos punir essas pessoas. [Trabalho, Caco e Adulto]

As fontes oficiais têm relação bastante estreita com a produção do programa. Diversas situações exclusivas são possíveis de serem mostradas pelo *Profissão Repórter* em função desse vínculo. Em *Jovens e Drogas*, a equipe acompanha operações da Prefeitura do Rio de Janeiro para recolher meninos das ruas e tem acesso livre aos abrigos onde essas crianças ficam internadas. Em *Bebês Abandonados e Adoção* o mesmo passe livre é percebido no acompanhamento de processos nos conselhos tutelares, na visita de abrigos e nos estabelecimentos judiciários. Em *Abuso Sexual*, a equipe tem permissão para acompanhar sessões na justiça em que crianças relatam como foram os abusos.

Para uma reportagem de televisão que trata de problemáticas como essa, repletas de regras e impasses de veiculação, ter acesso a esses espaços é de extremo valor e enriquecimento do produto final. Porém, nota-se um prejuízo na cobertura do assunto: essas fontes oficiais não são questionadas quanto a sua responsabilidade acerca dos problemas sociais retratados. Em poucos casos se vê cobrança do poder público. Na maior parte das vezes, a abordagem é intermediada pelos órgãos oficiais e o julgamento recai sobre as pessoas envolvidas naquela realidade retratada. As fontes oficiais são consultadas, principalmente, de modo a explicar a lei, comprovando conceitos por meio da justificativa legal, da palavra civilizada, guiada pela razão. Isso cria uma impressão de que o discurso dos jornalistas e das fontes oficiais é adequado, enquanto a colocação da maior parte das outras fontes não é a ideal.

Nota-se também uma diferença de tratamento entre as fontes oficiais e os outros entrevistados. As abordagens em gabinetes e escritórios são formais, as frases dos repórteres são diretas e precisas, o enquadramento é fechado no entrevistado e as conversas são agendadas. Já na abordagem das pessoas que atuam como personagens, as entrevistas são informais tanto no formato quanto na linguagem. A maior parte dos entrevistados não agendou a conversa, eles são abordados enquanto trabalham ou estão em casa, e muitas vezes não gostam da aproximação dos repórteres e discutem com agressividade. Os repórteres parecem mais à vontade para ocupar aquele espaço e mostrar sua opinião.

Outra significação presente nos programas é a especulação do futuro dessas crianças marginalizadas. Ao retratar os adultos que tiveram infância ruim e repassam a mesma experiência aos filhos e ao entrevistar jovens que não mostram perspectiva de melhora das suas condições, as reportagens deixam uma impressão de impotência e determinismo. Porém, alguns episódios encerram com exemplos de superação, como em *Trabalho Infantil*, em que a mulher que trabalhou com sururu durante a infância alcança o sonho de estudar e ser professora. No caso de *Abuso Sexual*, a nadadora Joanna Maranhão superou o trauma de ser

abusada pelo próprio treinador e continuou no esporte, sendo campeã em várias modalidades. A superação, através de um futuro bem sucedido, significa a libertação da condição de criança marginalizada.

## 6 CONCLUSÃO

Este trabalho propôs a análise dos sentidos produzidos pelo programa jornalístico semanal da Rede Globo, *Profissão Repórter*, acerca da temática da infância. O estudo foi elaborado a partir de nove episódios incluídos no corpus da pesquisa – todos relacionados a problemáticas sociais que atingem crianças e adolescentes. No desenrolar da monografia, foram identificados os conceitos de infância construídos, os elementos utilizados para a formação desses conceitos.

A partir da teoria construtivista, que considera a realidade como resultado de ações sociais, históricas e culturais que formam padrões de comportamentos socialmente definidos, o discurso produzido pelo programa foi avaliado como um dos inúmeros produtos que circulam no espaço que abriga a noção de construção social da realidade. A figura do repórter foi incluída numa dimensão cultural na qual existe um depósito de significados armazenados, e a notícia foi vista como uma narrativa expressiva de estórias marcadas pela cultura da sociedade.

As singularidades que o telejornalismo possui em função dos recursos audiovisuais que proporcionam ao público maior interação, credibilidade e reconhecimento, também foram considerados. O estudo da enunciação e da interpretação do discurso foi desenvolvido a partir da metodologia da análise de discurso, técnica que busca a reflexão sobre o território simbólico da linguagem, sobre a pluralidade de enunciadores e sobre os mecanismos de produção e de assimilação de significados.

A partir da observação crítica dos programas, foi constatado que o *Profissão Repórter* apresenta na sua concepção de formato e no próprio desenvolver do produto jornalístico a intenção de construir uma determinada realidade por meio da proposta de abordar, em cada programa exibido, diversos ângulos de uma mesma temática. A estratégia de expor as supostas negociações sobre a produção da notícia e de mostrar ao público as impressões dos repórteres sobre as situações encontradas atuam como um importante fator de humanização dos jornalistas, além de causar sensação de transparência do programa. A figura de Caco Barcellos como um tutor dos jovens repórteres reproduz o imaginário do aprendiz, no qual predomina a perspectiva do pluralismo de ideias orientado por um líder experiente e reconhecido do público, com forte poder de influência e de reflexão.

Ao apresentar problemas sociais relacionados à infância, o programa produz duas significações distintas acerca do tema: a infância idealizada e a infância marginalizada. A construção da infância idealizada baseia-se na ideia de infância plena, caracterizada pela

fragilidade, vivida sob a tutela responsável de adultos, protegida pela lei. Essa significação é construída pelos repórteres e é baseada, principalmente, na bagagem cultural e moral dos jornalistas. Essas significações são frequentemente produzidas durante os diálogos mantidos com as fontes, nos quais os repórteres tensionam o conceito de infância idealizada por meio dos questionamentos e das intervenções feitas no discurso dos entrevistados, algumas vezes influenciando esse discurso afim de comprovarem suas percepções, mesmo que a fonte proponha um ponto de vista contrário.

Já o conceito de infância marginalizada diz respeito à criança que vivencia as problemáticas sociais e por isso acaba por assumir papéis e a demonstrar comportamentos reservados aos adultos, mesmo que, teoricamente, não esteja amadurecida física e psicologicamente para essas experiências. Apesar de transmitirem o conceito de que a infância deve ser protegida, muitas vezes, os jornalistas aproveitam-se da condição marginalizada dessas crianças para aumentarem sua liberdade em relação ao conteúdo das entrevistas, propondo assuntos que perturbam essas fontes. Temas dolorosos e abordagens ousadas, assim como a exposição dessas crianças em momentos chocantes e delicados são elementos comuns nos programas analisados.

O *Profissão Repórter* aponta como causadores da infância marginalizada os adultos que deveriam responsabilizar-se pela proteção dessas crianças. Esse conceito é caracterizado, portanto, pela carência. Existe a representação da pureza da infância que transmite e que necessita de afeto, mas que diante da ausência dessa atenção, acaba por marginalizar-se. Esse desvio da infância ideal parece ser determinado pela influência dos pais, que viveram o mesmo tipo de infância. A ideia de superação da condição de infância marginalizada é construída pelo programa a partir da apresentação de casos de adultos que não possuíram a infância ideal mas depois tornaram-se bem sucedidos.

Os repórteres, além de exporem suas percepções no formato de discussões de bastidores e durante as entrevistas, acabam, em alguns momentos, envolvendo-se pessoalmente com as fontes e interferindo diretamente na vida delas. Essa interação ultrapassa a concepção do repórter como narrador de uma realidade e o coloca diretamente como um agente que atua na sua construção, tanto junto às fontes quanto junto ao público. Considerando a emoção como forte componente de reconhecimento e formação de significados, essa humanização do repórter e exposição exacerbada da fonte atua de forma substancial na construção de sentidos junto ao espectador.

Por meio da análise também é possível verificar que a identidade dos personagens foi construída e caracterizada a partir de referenciais culturais, econômicos, sociais e morais que

acabam reforçando e legitimando as desigualdades sociais. Reservando poucas exceções, grande parte dos entrevistados viviam em condições de pobreza, o que revela um tratamento desfavorável e discriminatório das pessoas que passam por problemas sociais, já que muitas das temáticas tratadas também atingem crianças e adolescentes que vivem em famílias das classes média e alta. Percebe-se, portanto, um distanciamento dessas pessoas marginalizadas, como se elas não pertencessem à mesma realidade dos repórteres e à esfera do socialmente aceitável. É possível perceber que os jornalistas buscam nelas o que há de exótico e de socialmente condenável, justificando que esses elementos constituem boas histórias, num movimento de manutenção dos padrões comportamentais que uma certa ordem dominante espera dos personagens dominados.

Na afirmação do senso comum, as próprias fontes são destacadas como importantes enunciadores, sempre acompanhadas da avaliação dos jornalistas que manifestam-se contrários ou coniventes a opinião delas, seja pelo discurso produzido pelo texto, pelo repórter, ou pela entrevista que vem a seguir. Outra significação importante de ser destacada é de que as fontes oficiais e os jornalistas parecem unir-se em um grupo diferente dos demais entrevistados. No programa, é reproduzida a dicotomia presente na sociedade e característica da desigualdade social: de um lado os esclarecidos que detêm a razão e o poder, e de outro, os marginalizados, que podem ter espaço de manifestação, mas somente nas condições estabelecidas pelo grupo dominante e sem garantia de que seu ponto de vista será considerado.

## REFERÊNCIAS

- ARCE, Tacyana. Informação, jornalismo e direitos da infância: modelando formas de conhecer e pensar. In: CANELA, Guilherme. (Org.). *Políticas públicas sociais e os desafios para o jornalismo*. São Paulo: Cortez Editora, 2008.
- BECKER, Beatriz. 500 anos do descobrimento nos noticiários da TV. In: PEREIRA JUNIOR, Alfredo Eurico Vizeu; PORCELLO, Flávio Antônio Camargo; MOTA, Célia Ladeira (Orgs.). *Telejornalismo: a nova praça pública*. Florianópolis: Insular, 2006.
- BENETTI, Marcia. Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (Orgs.). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília: Câmara dos Deputados.
- BUCCI, Eugênio. *Brasil em tempo de TV*. 3. ed. São Paulo: Boitempo, 2000.
- COUTINHO, Iluska. Lógicas de produção do real no telejornal: a incorporação do público como legitimador do conhecimento oferecido nos telenoticiários. In: GOMES, Itania Maria Mota (Org.). *Televisão e realidade*. Salvador: EDUFBA, 2009.
- DORNELLES, Beatriz; BIZ, Osvaldo. *Jornalismo Solidário*. Porto Alegre: GCI, 2006.
- DUARTE, Elizabeth Bastos; CURVELLO, Vanessa. Telejornais: quem dá o tom? In: GOMES, Itania Maria Mota (Org.). *Televisão e realidade*. Salvador: EDUFBA, 2009.
- GADINI, Sérgio Luiz. Em busca de uma teoria construcionista do jornalismo contemporâneo. *Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia*, Porto Alegre, n. 33, p. 79-88, ago. 2007.
- GENTILLI, Victor. *Democracia de Massas: jornalismo e cidadania: estudo sobre as sociedades contemporâneas e o direito dos cidadãos à informação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- HALL, Stuart *et al.* A produção social das notícias: O mugging nos media. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). *Jornalismo: questões teorias e estórias*. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999.
- MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000.
- MANZINI-COVRE, Maria de Lourdes. *O que é cidadania*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- MARONNA, Mônica; VILELA, Rosário Sánches. Conhecer para intervir: infância, violência e mídia: propósitos, projeto da investigação e conclusões comuns. In: MORIGI, Valdir José; ROSA, Rosane; MEURER, Flávio (Orgs.). *Mídia e representações da infância: narrativas contemporâneas*. Porto Alegre: UFRGS, 2007. (Coleção Comunicação; 2)

MARTINS, Luiz. Prefácio: democracia, jornalismo e cidadania. In: GENTILLI, Victor. *Democracia de Massas: jornalismo e cidadania: estudo sobre as sociedades contemporâneas e o direito dos cidadãos à informação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

MOTA, Célia Ladeira. O gesto e a palavra: representações sobre a cidadania no telejornal. In: PEREIRA JUNIOR, Alfredo Eurico Vizeu; PORCELLO, Flávio Antônio Camargo; MOTA, Célia Ladeira (Org.). *Telejornalismo: a nova praça pública*. Florianópolis: Insular, 2006.  
LAGE, Nilson. *Teoria e técnica do texto jornalístico*. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

LÉON, Osvaldo. Para uma agenda social em comunicação. In: MORAES, Dênis de (Org.). *Por uma outra comunicação*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Declaração Universal dos Direitos Humanos. 1948.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e leitura*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993 (Coleção passando a limpo).

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.

PEREIRA JUNIOR, Alfredo Eurico Vizeu. Telejornalismo conhecimento: o conhecimento do cotidiano. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, vol. II, n. 2, p. 83-93, 2º semestre de 2005.

PEREIRA JUNIOR, Alfredo Eurico Vizeu. Telejornalismo: das rotinas produtivas à audiência presumida. In: PEREIRA JUNIOR, Alfredo Eurico Vizeu; PORCELLO, Flávio Antônio Camargo; MOTA, Célia Ladeira (Org.). *Telejornalismo: a nova praça pública*. Florianópolis: Insular, 2006.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Mídia e compromisso social: utopias ou realidade? *Cultura Vozes*, Petrópolis, vol. 96, n. 4, p. 5-13, jul-ago 2002.

PICCININ, Fabiana. O processo editorial na TV: as notícias que os telejornais contam. In: FELIPPI, Ângela; SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININ, Fabiana (Orgs.). *Edição em jornalismo: ensino, teoria e prática*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

REZENDE, Guilherme Rocha de. *Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial*. São Paulo: Summus, 2000.

ROSA, Rosane; MORIGI, Valdir José. A construção da identidade do sujeito na narrativa jornalística de ZH: análise do caso Viamão. In: MORIGI, Valdir José; ROSA, Rosane; MEURER, Flávio (Orgs.). *Mídia e representações da infância: narrativas contemporâneas*. Porto Alegre: UFRGS, 2007. (Coleção Comunicação; 2)

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são*. Vol. I. Florianópolis: Insular, 2004.

TRAQUINA, Nelson. *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

TRAQUINA, Nelson; MESQUITA, Mário (Org.). *Jornalismo Cívico*. Lisboa: Livros Horizonte, 2003 (Coleção Media e Jornalismo).

TUCHMAN, Gaye. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1993.

WOLTON, Dominique. *Internet e depois? Uma teoria crítica das novas mídias*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

## **ANEXO 1**

Estão disponíveis neste anexo os *links* que disponibilizam o acesso ao corpus da pesquisa:

### **Escola de Periferia (19/05/2009)**

Parte 1

<http://globo.com/rede-globo/profissao-reporter/v/escola-de-periferia-parte-1/1036043>

Parte 2

<http://globo.com/rede-globo/profissao-reporter/v/escola-de-periferia-parte-2/1036041>

### **Crianças em Perigo (23/06/2009)**

Parte 1

<http://globo.com/rede-globo/profissao-reporter/v/criancas-em-perigo-parte-1/1066207>

Parte 2

<http://globo.com/rede-globo/profissao-reporter/v/criancas-em-perigo-parte-2/1066210>

### **Adoção (03/08/2010)**

Parte 1

<http://globo.com/rede-globo/profissao-reporter/v/adocao-parte-1/1312222>

Parte 2

<http://globo.com/rede-globo/profissao-reporter/v/adocao-parte-2/1312214>

### **Bebês Abandonados (03/05/2011)**

Parte 1

<http://globo.com/rede-globo/profissao-reporter/v/bebes-abandonados-parte-1/1499862>

Parte 2

<http://globo.com/rede-globo/profissao-reporter/v/bebes-abandonados-parte-2/1499865>

### **Jovens e Drogas (19/07/2011)**

Parte 1

<http://globo.com/rede-globo/profissao-reporter/v/jovens-e-drogas-parte-1/1569427/>

Parte 2

<http://globo.com/rede-globo/profissao-reporter/v/jovens-e-drogas-parte-2/1569430/>

### **Gravidez na adolescência (22/11/2011)**

Parte 1

<http://globo.com/rede-globo/profissao-reporter/v/gravidez-na-adolescencia-parte-1/1705038/>

Parte 2

<http://g1.globo.com/profissao-reporter/videos/t/programas/v/gravidez-na-adolescencia-parte-2/1705097/>

### **Abuso Sexual de Crianças (29/05/2012)**

Parte 1

<http://globo.com/rede-globo/profissao-reporter/v/abuso-sexual-de-criancas-parte-1/1969069/>

Parte 2

<http://globo.com/rede-globo/profissao-reporter/v/abuso-sexual-de-criancas-parte-2/1969204/>

### **Trabalho Infantil (10/07/2012)**

Parte 1

<http://globo.com/rede-globo/profissao-reporter/v/trabalho-infantil-parte-1/2034343/>

Parte 2

<http://globo.com/rede-globo/profissao-reporter/v/trabalho-infantil-parte-2/2034342/>

### **Crianças vítimas do crack (02/10/2012)**

Parte 1

<http://globo.com/rede-globo/profissao-reporter/v/criancas-vitimas-do-crack-2012-parte-1/2168358/>

Parte 2

<http://globo.com/rede-globo/profissao-reporter/v/criancas-vitimas-do-crack-2012-parte-2/2168356/>